



**CATÓLICA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA**

---

PORTO

**PEDAGOGIA DA DÁDIVA E INTERVENÇÃO  
SOCIOEDUCATIVA  
UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação de Projeto apresentado à Universidade Católica Portuguesa para obtenção  
do grau de Mestre em Ciências da Educação

Especialização em Pedagogia Social

Licínia Manuela Couto Moreira

Porto, outubro 2021



**CATOLICA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA**

---

PORTO

**PEDAGOGIA DA DÁDIVA E INTERVENÇÃO  
SOCIOEDUCATIVA  
UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação de Projeto apresentado à Universidade Católica Portuguesa para obtenção  
do grau de Mestre em Ciências da Educação

Especialização em Pedagogia Social

Licinia Manuela Couto Moreira

Trabalho efetuado sob a orientação da Professora Doutora Isabel Baptista

e

Coorientação da Professora Doutora Ana Camões

A vida é uma oportunidade, aproveite-a...

A vida é beleza, admire-a...

A vida é felicidade, deguste-a...

A vida é um sonho, torne-o realidade...

A vida é um desafio, enfrente-o...

A vida é um dever, cumpra-o...

A vida é um jogo, jogue-o...

A vida é preciosa, cuide dela...

A vida é uma riqueza, conserve-a...

A vida é amor, goze-o...

A vida é um mistério, descubra-o...

A vida é promessa, cumpra-a...

A vida é tristeza, supere-a...

A vida é um hino, cante-o...

A vida é uma luta, aceite-a...

A vida é aventura, arrisque-a...

A vida é alegria, mereça-a...

A vida é vida, defenda-a..."

Madre Teresa de Calcutá

## Agradecimentos

Ao longo deste caminho, encontrei pessoas extraordinárias, pela sua cultura, pela sua Beleza interior, pessoas amigas que motivaram e incentivaram a percorrer este longo caminho.

A realização desta dissertação de mestrado contou com importantes apoios e incentivos sem os quais não se teria tornado uma realidade e aos quais estou eternamente grata.

À minha orientadora Professora Doutora Isabel Baptista cuja orientação foi efetuada com rigor científico, compreensão, respeito, carinho, sendo imprescindível para a realização da dissertação.

À coorientadora Professora Doutora Ana Camões uma palavra de apreço, por toda a dedicação apoio e carinho ao longo deste caminho.

À Professora Doutora Cristina Palmeirão pela sua motivação em todo percurso académico muito obrigada.

Ao Professor Doutor Joaquim Azevedo, quero agradecer o seu rigor científico, e as palavras certas motivadoras ao longo do ano letivo.

Às Professoras Diana, Marisa e Renata quero agradecer todo o seu empenho e motivação.

Aos meus queridos Pais, o apoio incondicional de incentivo, amizade e carinho juntos, em todos os momentos difíceis, nunca permitiram que desistisse, revelando sempre um imenso orgulho no meu percurso académico, muito obrigada meus queridos por tudo.

À minha única Irmã que sempre revelou um enorme orgulho pelo meu caminho académico, esteve sempre presente em todos os momentos, quero deixar um enorme obrigado.

Ao Senhor Padre Manuel Fernando quero deixar uma palavra de agradecimento pela motivação que me incutiu, lembrando sempre que este percurso é muito importante, para a minha vida pessoal e profissional, muito obrigada.

Ao Senhor Padre André quero agradecer o acolhimento, a força e esperança nesta caminhada, obrigada pela motivação, pela presença nos momentos difíceis da minha vida.

Ao Senhor Padre César, uma palavra de gratidão, pelo seu apoio, acolhimento nos momentos difíceis. Obrigada por tudo.

À minha amiga Mónica, as palavras serão escassas por tudo que fizeste por mim, sempre presente desde o primeiro ao último momento, muito grata por tudo, pelo teu amor, pela tua presença em todos os meus momentos de fragilidade, pelas palavras de alento e sem dúvida pelas palavras certas de motivação.

À minha amiga Sara, estou eternamente grata por tudo, pela sua presença nos momentos difíceis, pelas palavras de alento, motivação e disponibilidade em ajudar, muito obrigado.

Aos meus amigos verdadeiros, estivemos sempre juntos do início ao fim, quero deixar uma palavra de gratidão por tudo, pela força nos momentos difíceis, pelas palavras certas, por todo amor incondicional, sem vocês tenho a certeza de que este caminho seria muito só e difícil.

A todos colegas de turma quero deixar uma palavra de gratidão, agradecer a vossa força ao longo deste percurso académico, muito obrigada por tudo.

Quero deixar uma palavra de apreço ao CSPVA pela disponibilidade e compreensão, muito obrigada.

## **Resumo**

O presente trabalho corresponde a uma dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – especialização Pedagogia Social, e intitula-se «Pedagogia da Dádiva e Intervenção Social – um estudo de caso». O estudo pretendeu compreender em que medida o princípio da Dádiva, enquanto valor social primacial, está presente nas dinâmicas de intervenção socioeducativa. Para encontrar resposta para esta preocupação, do ponto de vista teórico recorreremos a um processo de revisão bibliográfica centrado na explicitação concetual sobre noções de dádiva, relação humana e intervenção socioeducativa.

Do ponto de vista empírico, optou-se por um estudo de caso, referente a um projeto de desenvolvimento sociocomunitário em concreto, enquadrado pelo paradigma interpretativo, tendo por base o recurso à pesquisa documental e a realização de entrevistas abertas. No essencial, e tal como surge exposto, os dados recolhidos e analisados permitiram concluir sobre a pertinência da dádiva enquanto valor de intervenção, numa perspetiva de pedagogia social.

### **Palavras-chave:**

Dádiva, Pedagogia Social, Relação Humana, Intervenção Socioeducativa

## **Abstract**

The present work corresponds to a dissertation presented to the Portuguese Catholic University, Faculty of Education and Psychology to obtain a Master's degree in Educational Sciences- specialization in Social Pedagogy and is entitled «Gift Pedagogy and Social Intervention- a case study». The study aimed to understand to what extent the principle of the Gift, as a primary social value, is present in the dynamics of socio-educational intervention.

To find an answer to this concern, from a theoretical point of view, we resorted to a bibliographic review process centered on conceptual explanation of the notions of gift, human relationship, and socio-educational intervention.

From an empirical point of view, a case study was chosen, referring to a concrete socio-community development project, framed by the interpretive paradigm, based on the use of documentary research and open interviews. In essence, and as shown above, the data collected and analyzed allowed us to conclude on the relevance of donation as an intervention value, from a pedagogical perspective.

### **Keywords:**

Gift, Social Pedagogy, Human Relationship, Social-educational Intervention

## Índice

AGRADECIMENTOS .....	IV
RESUMO .....	VI
PALAVRAS-CHAVE:.....	VI
ABSTRACT .....	VII
KEYWORDS .....	VII
ÍNDICE DE TABELAS.....	11
ÍNDICE DE GRÁFICOS .....	11
ÍNDICE DE FIGURAS .....	11
SIGLÁRIO.....	12
INTRODUÇÃO GERAL .....	13
<b>PARTE 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>15</b>
INTRODUÇÃO.....	16
<b>1. EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI DA PEDAGOGIA SOCIAL .....</b>	<b>18</b>
1.1. OBJETIVOS E VALORES DA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI.....	18
1.2. EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA SOCIAL .....	23
1.3. EDUCAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL.....	26
<b>2. PEDAGOGIA DA DÁDIVA.....</b>	<b>28</b>
2.1. ABORDAGEM CONCEITUAL DA DÁDIVA .....	28

2.2.	VALOR DA DÁDIVA NAS RELAÇÕES HUMANAS .....	31
2.3.	DÁDIVA NA INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA .....	33
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	36
	<b>PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO</b> .....	37
	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	38
	<b>1. JUSTIFICAÇÃO DA OPÇÃO INVESTIGATIVA</b> .....	39
1.1.	QUESTÕES E OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO .....	39
1.2.	ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO .....	39
1.3.	CRITÉRIOS DE ANÁLISE E DE DISCUSSÃO DE DADOS .....	43
	<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	45
2.1.	CONTEXTO MUNDIAL E LOCAL DA PANDEMIA COVID-19 .....	45
2.2.	ONDA DE SOLIDARIEDADE: PESSOAS SINGULARES E INSTITUIÇÕES .....	51
2.3.	ÂMBITO DE INTERVENÇÃO – BENEFICIÁRIOS .....	56
	<b>3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS</b> .....	61
3.1.	PERCEÇÕES DOS ATORES SOBRE O VALOR DA DÁDIVA .....	61
3.2.	PERCEÇÕES DOS ATORES SOBRE PRÁTICAS DE DÁDIVA.....	66
3.3.	PERCEÇÕES DOS ATORES SOBRE OS GESTOS DE DÁDIVA .....	72
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	79
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	80
	<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	84
	<b>WEBGRAFIA</b> .....	89

<b>ANEXOS</b> .....	90
<b>ANEXO I</b> .....	91
<b>ANEXO II</b> .....	93
<b>ANEXO III</b> .....	95
<b>ANEXO IV</b> .....	97

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1- Caracterização das famílias.....	44
Tabela 2- Quadro Teórico.....	99

## **Índice de Gráficos**

<b>Gráfico 1-</b> Pessoas que colaboraram com tecidos e na confecção de máscaras de tecido.....	49
<b>Gráfico 2-</b> Instituições que receberam as máscaras de tecido.....	50
<b>Gráfico 3-</b> Máscaras distribuídas porta a porta.....	51

## **Índice de Figuras**

Figura 1- As primeiras máscaras costureiras de Alpendorada.....	47
Figura 2- localização territorial do concelho de Marco de Canaveses.....	48
Figura 3- Costureira do Marco.....	52
Figura 4 Costureira de Alpendorada.....	53
Figura 5- Costureira de São Lourenço do Douro.....	53
Figura 6- As primeiras máscaras para criança.....	54
Figura 7- Centro Social e Paroquial Vila Boa do Bispo.....	55
Figura 8- Máscaras de Adultos.....	56
Figura 9- Máscaras distribuídas pelas instituições IPSS.....	57
Figura 10- Máscaras distribuídas às famílias porta a porta.....	58
Figura 11- Supermercado Marco Horizonte Alpendorada.....	59
Figura 12- Cruz de Vermelha de Alpendorada.....	60

## **Siglário**

**CPCJ** - Comissão de Proteção de Menores e Jovens

**CSPVA** - Centro Social Paroquial vila de Alpendorada

**IPSS** - Instituição Particulares de Solidariedade Social

**MS-ID**- Mulheres Socialistas e Igualdade de Direitos

**ONG** - Organização Não Governamentais

**RSI** - Rendimento Social de Inserção

**SPCE** - Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação

**UCP** - Universidade Católica Portuguesa

**UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura/  
(United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization)

## Introdução Geral

O presente trabalho corresponde a uma dissertação académica subordinada ao tema “Pedagogia da Dádiva e Intervenção Socioeducativa – Um Estudo de Caso” e foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação com Especialização em Pedagogia Social na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.

A motivação subjacente prende-se com preocupações de ordem pessoal e profissional ligadas à forma como o valor da Dádiva tem inspirado a nossa experiência, tendo ganho especial interesse no contexto da pandemia da Covid-19, que assola a humanidade desde o ano de 2019. Quando as pessoas, as sociedades e o mundo no geral se encontravam inesperadamente mergulhados em incertezas, dúvidas, desconfianças, medos e isolamento, e os governos decretarem o estado de emergência, vítimas da mesma situação, estendemos o olhar humanista e profissional das pessoas, sobretudo das mais carenciadas, para “pequenos gestos”, como no caso que nos serve de base empírica orientado para a distribuição de máscaras de proteção contra a Covid-19 num concelho do Distrito do Porto.

A partir daí interessou-nos compreender qual o lugar da Dádiva na Intervenção Social, de modo a ajudarmo-nos mutuamente e tentarmos saber de que forma é que a experiência da Dádiva, sobretudo quando vivida em contextos socioeducativos, junto de pessoas mais vulneráveis, marca o processo de desenvolvimento das pessoas (técnicos, educandos e beneficiários) abrangidas.

Assim, surge a nossa questão de investigação:

- Em que medida o valor da Dádiva, enquanto expressão concreta de atenção e cuidado, constitui, ou poderá constituir, um princípio de intervenção socioeducativa?

Para respondermos à nossa questão de investigação, partimos de uma revisão de literatura, onde analisamos os conceitos de Pedagogia e de Dádiva, lançando mão à riqueza de conteúdos relativos à intervenção socioeducativa. A seguir, do ponto de vista prático, procuramos a confirmação dessas reflexões ou teorias reflexivas no caso que serviu de base para o nosso estudo empírico salientando a especificidade do contexto Covid-19 em que nasceu.

Assim, o presente trabalho estrutura-se em duas partes fundamentais, a primeira, teórica e reflexiva, com a abordagem de conceitos e linhas de pensamento sobre a Dádiva e qualidades humanas tendo como referência obras de autores como Marcel Mauss (2001), Isabel Baptista (2005, 2008), Luís Araújo (2009), entre outros, sem esquecer a perspectiva de uma educação para a vida e ao longo da vida de Joaquim Azevedo (2008).

A segunda parte, correspondente ao estudo empírico, que é baseado no estudo de um caso concreto relativo a um projeto conducente à distribuição de máscaras de proteção contra a Covid-19, numa primeira fase da pandemia, num Concelho da zona Norte do País. Trata-se de um estudo de caso, em que a perceção dos atores envolvidos nesta experiência nos ajudou a construir e a consolidar a convicção sobre a importância de um novo paradigma relacional, baseado na Dádiva. Dito por outras palavras, a relação entre os seres humanos está marcadamente qualificada pela gratuidade, em que a Dádiva feita de espontaneidade e de voluntarismo, constitui um imperativo no convívio das pessoas e das sociedades.

Com o estudo deste caso procurámos perceber, a partir da experiência de distribuição de máscaras em tempos pandémicos, como o que dedicamos aos outros se transforma em Dádiva para eles e para nós próprios, através de gestos simples criamos várias vontades de participação, tanto com donativos (como tecidos) tanto com o seu envolvimento. Neste sentido, a segunda parte consta de três capítulos: Enquadramento Metodológico, Contextualização da Pesquisa e Análise e Discussão de Dados.

Por último e como resultado do presente estudo, apresentamos as Considerações Finais relativas à investigação no seu todo, parte teórica e empírica, tentando sintetizar as principais conclusões.

# **Parte 1 - Enquadramento Teórico**

## Introdução

No seguimento do que foi dito, o quadro teórico que sustenta este estudo salienta a importância da educação no século XXI, bem como os seus objetivos e as suas problemáticas, que através de um saber humanista orientado por preocupações de inclusão e solidariedade social, evidenciando a necessidade e a pertinência de novos paradigmas educacionais ancorados à aprendizagem ao longo da vida e ao desenvolvimento da pessoa e das sociedades como um processo ao longo do tempo.

Neste alinhamento, enuncia-se que a educação é uma aprendizagem ao longo da vida que visa uma perspectiva de solidariedade social e estabelece a ligação entre o educativo e o social. Este processo de aprendizagem é também sinónimo de adaptação, pois é através dela que as pessoas dão resposta aos seus problemas e tendem a superar os desafios que surgem ao longo do seu percurso de vida, como se pode perceber na perspectiva apresentada pela UNESCO (1996). O Ser Humano está consciencializado para a aprendizagem ao longo de toda a vida, sendo esta a principal ferramenta para que “todos” sejam incluídos e atualizados em processos de (auto)realização dentro da sociedade.

Também é de se dizer que a aprendizagem ao longo da vida tem como objetivo qualificar e dotar adultos de formação adequada para fazerem face às necessidades do mercado do trabalho e serem, assim, capazes de contribuir para elevar o seu desenvolvimento profissional e pessoal. Um semelhante modelo educativo aponta para uma sociedade realmente educativa, que, para tal, deve ser mais plural, relacional, próxima e solidária, como defende Joaquim Azevedo (2008). Para este autor é urgente pensarmos numa educação que não se limita unicamente à escola, à infância e à juventude, que não se restringe ao ensino formal.

Quando olhamos para os desafios que a sociedade atual nos impõe, compreendemos a importância (até mesmo a supervalorização) do vetor pragmático e existencial da ciência, e isto requer um maior conhecimento no campo tecnológico e produtivo, um conjunto de conhecimentos que permitam autonomia e capacidade de ação. Estamos a querer dizer que a educação deve preparar a pessoa para esta se integrar em pleno na sociedade, pois é através da educação que ela vai adquirir conhecimento,

formação e experiência para a sua inserção no mercado do trabalho, assim como, para a melhoria da qualidade de vida, da sua participação ativa e plena na sociedade.

Esta preocupação de fundo enquadra-se nos objetivos e valores da educação no século XXI, na relação entre educação e Pedagogia Social e na conseqüente mudança social, como ficou refletida nos itens do primeiro capítulo desta primeira parte. De seguida (segundo capítulo), fizemos uma abordagem conceitual da Dádiva, perscrutámos o valor da Dádiva nas relações humanas e procurámos compreender o lugar fulcral da Dádiva na intervenção socioeducativa.

Concluimos esta primeira parte com as ideias fundamentais resultantes do processo de revisão bibliográfica e que funcionaram como chave de leitura na análise dos dados recolhidos no âmbito do estudo empírico.

# **1. Educação no Século XXI da Pedagogia Social**

## **1.1. Objetivos e Valores da Educação no Século XXI**

Desde o início do século XXI, a educação tem vindo a afirmar-se na sociedade como prioridade das prioridades e a impor os seus valores cada vez mais intrínsecos nos vários sistemas educativos e pedagógicos, apresentando-se maioritariamente como um agente de socialização e de aprendizagem, tal como é enunciado por Sanvisens (1984, p. 7): “A educação é um acto humano e social que se manifesta como transmissão comunicativa de umas pessoas a outras, proporcionando-lhes ideias, capacidades, normas e pautas de conhecimento e de conduta”.

Esta conceção foi posteriormente ampliada e atualizada no Relatório da UNESCO, coordenado por Jacques Delors, onde se salienta “que toda a vida pessoal e social oferece oportunidades de progredir no saber e no saber fazer. Somos, então, levados a privilegiar este aspeto da questão, e a pôr em relevo o potencial educativo dos modernos meios de comunicação, da vida profissional, ou ainda das atividades de cultura e lazer.” (1996, p. 18). O Relatório reforça a necessidade de se caminhar em direção a uma “sociedade educativa”, ancorada, portanto, na educação que se estabelece como pilar basilar do desenvolvimento humano.

Reconhece-se assim que a educação é uma realidade social que implica a formação das pessoas em todas as dimensões. Segundo Cardeal Arnas (1990, p.63-64): “A educação é um direito de todos e dever do Estado e da Família que será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, sua preparação para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o mundo do trabalho”. É através da educação que o ser humano constrói os seus ideais de paz, de liberdade e de justiça social. O que está em jogo é “aprender, aprender a todo o tempo, em todo o lugar e ao longo de toda a vida, com a vida, porque este aprender é aprender a ser” (Azevedo, 2007, p.8). No entanto, aprender implica mudança nos paradigmas existentes, que estão intrinsecamente enraizados na sociedade e nas culturas vigentes, para que então se possa desencadear uma alteração nos conhecimentos ou comportamentos, alteração essa que só reflete efeitos a longo prazo.

Cabe à educação a nobre tarefa de despertar em todos a elevação do pensamento e do espírito crítico universal e desta forma inculcar em cada um de nós a ânsia de nos tornarmos mais audazes e perspicazes na forma como obtemos o conhecimento e na forma como o aplicamos no nosso quotidiano, pois todos vivemos em constante aprendizagem. O processo de educação consiste em transmitir e assimilar conhecimentos, valores morais e éticos essenciais para a formação e desenvolvimento da pessoa.

Se num estágio inicial se formam crianças sensíveis à aprendizagem sobre si mesmas, sobre o meio que as envolve e sobre a interação social com os outros, nos estádios seguintes criam-se ferramentas para que as mesmas consigam ultrapassar as vicissitudes inerentes à própria natureza humana e aos seus conflitos intra e extra pessoais. Neste sentido, o maior desafio da educação no século XXI é constituir-se como: “um grito de amor à infância e à juventude, que devemos acolher nas nossas sociedades, dando-lhes o espaço que lhes cabe no sistema educativo, sem dúvida, mas também na família, na comunidade de base, na nação.” UNESCO (1996, p.11).

Naturalmente, seguindo a vertente do pensamento de Silva (2007, p.51) que afirma que “a escola é uma instituição social que existe para dar continuidade à educação iniciada na família. Como primeira comunidade, reside na família, o papel crucial na formação inicial do indivíduo, mas é a escola que tem a responsabilidade de complementar sua formação pessoal e social”. Assim, a família tem um papel muito importante, pois são os familiares os primeiros educadores, que transmitem valores, cultura, integração social e promovem o contacto de uns com os outros em sociedade. A família é o berço da educação do ser humano, é nela que inicia o primeiro contacto da criança com as normas da sociedade, bem como com o meio envolvente.

Como se pode constatar através dos pensamentos do Papa Francisco, Carta Encíclica “Fratelli Tutti” (2020, p.52), “para nos encontrar e ajudar mutuamente, precisamos de dialogar. Não é necessário dizer para que serve o diálogo; é suficiente pensar como seria o mundo sem o diálogo paciente de tantas pessoas generosas, que mantiveram unidas famílias e comunidades. O diálogo perseverante e corajoso não faz notícia como as desavenças e os conflitos; e, contudo, de forma discreta, mas muito mais do que possamos notar, ajuda o mundo a viver melhor”. É a família que estrutura as bases e facultas as ferramentas para que o seu educando tenha acesso a uma educação privilegiada e a uma boa conduta social e de interação com o meio. Porém, é de salientar

que os aspetos intrínsecos a cada personalidade, que lhes são inatos, podem influenciar na forma como são adquiridos os conteúdos educativos e como estes são incutidos na sua vida pessoal e social.

Aspetos económicos, financeiros, ideologias religiosas, crenças, opções políticas e partidárias, literacia dos progenitores, convicções sociais e ideológicas são aspetos que interferem na capacidade de como a família consegue transmitir e educar os seus filhos e torná-los adultos capazes de «saber-fazer», autónomos, enquadrados na sociedade, que se envolvam de forma ativa em grupos, que construam relações intrapessoais cordiais e vinculativas. É através de uma educação sólida, que se desenvolve desde a infância e se colmata durante a juventude, que o ser humano obtém ferramentas cruciais, de modo que numa fase adulta se enraízem valores morais, normas, práticas e princípios que se tornarão vigentes ao longo da vida.

A educação do século XXI, como é proposta pelo relatório da UNESCO (1996), salienta a importância de aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos e esta deve ser entendida como uma chave de acesso ao desenvolvimento e à realização pessoal e coletiva. A aprendizagem ao longo da vida é vista como uma chave de acesso à educação, sendo primordial no âmbito de uma amplitude de aprendizagens formais e informais, práticas profissionais, um desafio de uma educação para todos, ao longo de toda a vida, sendo naturalmente uma resposta ao mundo atual em constante mudança de modo a possibilitar ao indivíduo um campo de desenvolvimento de enriquecimento pessoal, cultural, realização de novas oportunidades e aquisição de novas competências.

Deste modo e segundo a perspetiva de Joaquim Azevedo (2007, p.8), “o que está em jogo é aprender, aprender a todo o tempo, em todo o lugar e ao longo de toda a vida, com a vida, porque este aprender é aprender a ser”. Todavia, é imperativo que ocorra uma alteração na forma como se obtêm os conhecimentos ou comportamentos, alteração essa verificada a longo prazo de modo a se articular e integrar saberes, unidades multidisciplinares, contextualizar, articular contextos sociais e culturais, aprender com mais autenticidade e profundidade de modo a responder à complexidade do mundo e de nós próprios e formando pessoas integras e realizadas. Joaquim Azevedo defende também que é importante desenvolver competências essenciais para os novos tempos e para a justiça e a dignidade humana. Impõe-se, por conseguinte, a educação para a mudança!

Eis o fundamental papel da educação para a vida e ao longo da vida, onde o ambiente da escola deve ir para a rua e o ambiente social e familiar deve converter-se em escola de virtudes. Mudanças estas que estão subjacentes à alteração de comportamentos por parte das pessoas envolvidas neste processo de aprendizagem que está em constante mutação.

Como se pode ler no Relatório coordenado por Jacques Delors (1996, p.73): “Um dos principais papéis reservados à educação consiste, antes de mais, em dotar a humanidade de capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento. Ela deve, de facto, fazer com que cada um tome o seu destino nas mãos e contribua para o progresso da sociedade em que vive, baseando o desenvolvimento na participação responsável dos indivíduos e das comunidades. A educação contribui para o desenvolvimento humano tendo em conta o pressuposto de fornecer a todos, o mais cedo possível, o passaporte para a vida, o que os leve a compreender-se melhor a si mesmos e aos outros e, assim, a participar na obra coletiva e na vida da sociedade”.

Ainda, segundo o relatório da UNESCO (1996, p.11) “a educação surge como uma melhoria imprescindível à humanidade na formação dos ideais de paz, de liberdade e de justiça social, bem como de afirmação da fé no desenvolvimento contínuo, tanto das pessoas como das sociedades.” Também proporciona a realização dos seus ideais, como uma via de orientação a um desenvolvimento humano mais coerente, mais genuíno que vise recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões e as guerras através de análises e reflexões.

E esta forma torna-se aquando das opções políticas, económicas e financeiras de cada sociedade um elemento fulcral a ser desenvolvido e a se ter em consideração nas decisões de cada nação, uma vez que segundo a sabedoria popular e vigente nas nossas raízes. Tem-se vindo a denotar, desde o início deste século, tão estigmatizado pela agitação social, económica e financeira, pela violência generalizada, pelos avanços económicos e científicos, pela opressão social, pelas diferenças entre classes no acesso a uma educação globalizada, como também no aumento exponencial de indivíduos indecisos em relação à melhoria na educação de forma a torná-la acessível para todos e que favoreça as relações sociais entre si e os seus pares.

Para que a educação consiga ultrapassar os obstáculos gerados e fomentados pelo aumento do desemprego, dos fenómenos de exclusão social, das desigualdades entre classes sociais, como também entre as sociedades dos países desenvolvidos e os que estão

em vias de desenvolvimento, da inadaptação de culturas e mentalidades, pelas injustiças sociais cometidas pelo poder jurídico e constitucional, é imprescindível analisar-se criteriosamente todos os vetores que lhe são contraproducentes ao seu desenvolvimento e evolução. Mais do que isso, implica que todas as nações tenham de ser assertivas e que procurem a igualdade entre os povos na procura de uma educação melhor, na paridade de direitos e deveres no acesso a uma educação de proximidade. Todavia, enquanto existirem tantas disparidades, este processo será lento e inerentemente desigual.

Esta mudança só irá ocorrer quando cada pessoa, instituição, sociedade, poder político vigente, governantes das sociedades mais prósperas e em vias de desenvolvimento se unirem em prol de educação para todos e de forma qualitativa, bem como a tomada de consciência de que o poder de a realizar e tornar aplicável à sociedade está nas mãos de cada um. Este princípio parte de cada um para um todo, uma vez que a sociedade só é sociedade com a participação de todos individualmente e posteriormente de uma forma coletiva.

Segundo Joaquim Azevedo (2009, p.11) “a educação não pode ser entendida no sentido restrito, referindo-se a todos os esforços que se empreendem num dado território para proporcionar aprendizagens (escolares e sociais) significativas e acessíveis a todos e a cada um dos cidadãos, em qualquer momento da sua vida, tendo por vista o exercício pleno de uma cidadania ativa e solidária”.

Na perspetiva do autor citado, é imperativo que se criem escolas com acesso às novas tecnologias em locais menos abrangentes e carenciados e que se formem educadores capazes de colmatar as dificuldades sociais e culturais de cada civilização. É também essencial que os alunos tenham acesso a equipamentos tecnológicos adequados ao ensino à distância e que este seja motivador de modo a formar alunos capazes de se integrarem de uma forma ativa na sociedade e na comunidade, para além de lhes despertar o espírito crítico, a autonomia, a liderança, a gestão de conflitos e a cooperação entre pares para um bem comum. Esta visão humanista não se reduz à educação escolar, sendo extensiva a todos os âmbitos da educação ao longo da vida, desenvolvida numa perspetiva de pedagogia social.

## 1.2. Educação e Pedagogia Social

Como vimos, a educação tem um papel importante na vida das pessoas e na sociedade, uma vez que depende dela, o presente e o futuro da sociedade, que cada vez mais se encontra humanizada, promovendo o bem-estar na sua escola como um espaço para todos. Assim a educação é a «arte» “de promover o desenvolvimento humano de cada pessoa, que só se desenvolve verdadeiramente na medida em que é acolhida pelo outro” (Azevedo, 2011, p.124). A educação torna os pequenos momentos em oportunidades cruciais que acabam por marcar a vida. Os laços sociais, assentam numa relação comprometida. Cada pessoa terá o seu método, o seu modo de o conseguir e a sua oportunidade.

Cabe às Ciências da Educação um papel essencial na reflexão sobre o ato de educar, pois sem uma boa e assertiva comunicação, não conseguimos educar, logo não conseguimos exercer qualquer tipo de transformação nas sociedades. Educar é viver e fazer viver algo vivido e experienciado. Não se pode educar para a proximidade se não o fizermos com proximidade e assim se educar para a mudança. A educação deve ir ao encontro das dificuldades da pessoa, caso contrário haverá uma rutura no ato de educar, deixando brechas, que serão entendidas de formas autónomas, sem conexão, sem orientação. Esta arte de educar deve ter em conta a autonomia e individualidade dos diversos intervenientes, tendo sempre em consideração as experiências individuais de cada um e das suas próprias formas de comunicar, para que se consiga obter bons resultados na interação com as pessoas mais carenciadas, nas suas diversas valências. É imprescindível conciliar-se a formação e os conhecimentos obtidos através do estudo aprofundado sobre esta causa. Sempre que se consegue ajudar a resolver e solucionar os conflitos, os problemas de quem mais precisa, põe-se em prática a Dádiva que as Ciências da Educação facultam, uma vez que fornecem ao educador instrução e conhecimentos para se poder estabelecer uma boa interação com as pessoas.

É imperativo que nestas situações se recorram a estratégias e a conhecimentos obtidos ao longo da nossa formação académica para, assim, se poder estabelecer a ponte entre o sentir e o agir. Por isso, é que nestas situações é fundamental recorrer a todas as estratégias adquiridas ao longo da vida. Saber viver é uma Dádiva, empregar os conhecimentos ao serviço do próximo, é uma Dádiva suprema. É através dos

ensinamentos que se adquirem pela Pedagogia Social que o ser humano reflete sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia, para que desta forma se torne capaz de se ajudar e ajudar o próximo. Deste modo, a Pedagogia Social é também vista com “uma ciência, um saber profissional, uma filosofia de ação” (Baptista,2008, p.7), que surgiu na Alemanha do século XIX e aparece associada às estratégias de assistência social sobretudo nas áreas da infância e da juventude, bem como da intervenção comunitária, que é capaz de criar laços através do contacto entre as pessoas, um dos seus princípios é: a mudança parte da educação. É uma Ciência da Educação, como enuncia Baptista “a pedagogia social é um saber científico, uma ciência de cariz teórico-prático, construído na zona de interface entre as áreas da educação e da solidariedade social” (2011, p.134). A aprendizagem ao longo de toda a vida (e com a vida) para e por todos os cidadãos é hoje um dos grandes desafios das sociedades.

Segundo Diaz (2006, p.91) “Pedagogia Social corresponde à disciplina científica com carácter teórico e prático que fornece as ferramentas para a intervenção prática com e sobre os indivíduos”. Como tal, a Pedagogia Social tem um papel fundamental nas Ciências da Educação e tem como resposta um universo específico, com bases num património histórico local num campo onde se confirma a relevância da contemporaneidade onde exige conhecimentos da pessoa para gerir os conflitos, remetendo-se para uma vertente educativa que vai de encontro com as necessidades humanas de pessoas e grupos que apelam ao trabalho social como também ao estudo da inadaptação social, bem como afirma Ortega (1999, p.145), é “uma progressiva e continua configuração do individuo para alcançar o seu desenvolvimento e conseguir a participação na comunidade, o que deverá ajudá-lo a compreender o mundo e a si mesmo”, de forma que o sujeito se integre na sociedade e no meio social que o rodeia, com capacidade crítica para o aperfeiçoar e renovar.

Concluimos assim que a Pedagogia Social é uma ciência, situada no contexto das Ciências Sociais e das Ciências da Educação. Enquanto disciplina das Ciências da Educação Social, (Carreras e Molina, 2006) de carácter teórico/prático que se remete à socialização do sujeito, em condições de normalização ou em condições especiais, como a inadequação social, bem como em contextos educativos. Esta intervenção implica o conhecimento e ação sobre o sujeito em situações de normalização, como também de conflito ou de necessidade, uma intervenção técnica, ou uma intervenção de urgência pode salvar pessoas em situações de risco, tendo como objetivo ajuda e o crescimento

peçoal e social das pessoas, de modo a desafiar-nos para um constante descobrimento onde é necessário estabelecer condições à integridade pessoal para obter uma vida digna para com todos.

De acordo com Adalberto Dias de Carvalho e Isabel Baptista (2000, p.25), “a Pedagogia Social fornece ferramentas teóricas necessárias para uma intervenção no terreno que visa ajudar a tecer laços sociais e a criar situações de aprendizagem potenciadoras de felicidade, de bem-estar e de autonomia de vida”. A Pedagogia Social aparece numa relação de hospitalidade originária entre a esfera educacional e a esfera de solidariedade social que é pautada por uma mudança na sociedade, apresentando estratégias educativas que facilitem a transformação social.

Segundo José António Caride (2005, p.37) a Pedagogia Social “apresenta intervenções e finalidades que promovem o desenvolvimento humano e a qualidade de vida”, em que a educação tem um papel importante, pois dela depende o presente e o futuro da sociedade, que cada vez mais se encontra humanizada e onde se promove o bem-estar na sua escola como um espaço para todos. Desta forma, os laços sociais, assentam numa relação comprometida em que cada pessoa, terá o seu método, o seu modo de o conseguir e a sua oportunidade.

Em termos gerais, a Pedagogia Social é uma Ciência da Educação que possibilita o desenvolvimento da pessoa como pessoa, das comunidades locais e assim se alargando ao global, tal como a ação dos profissionais que atuam nos domínios da intervenção social, do terreno socioeducativo, do desenvolvimento comunitário e da aprendizagem ao longo da vida. Neste sentido, os Educadores Sociais, enquanto profissionais socioeducativos, são capacitados para trabalharem com e em função do outro, atuando em vários domínios pedagógicos e sociais, como em situações de intervenção em escolas, lares de infância e juventude e ou projetos de intervenção comunitária. Pode-se afirmar que a Pedagogia Social trouxe a Pedagogia para o coração das práticas de intervenção social, onde aparece muitas vezes valorizada como mais uma estratégia, ou instrumento, ao serviço do maior envolvimento dos cidadãos (Baptista, 2006). Desta forma, a Pedagogia Social ocupa um lugar distintivo e relevante no seio das Ciências da Educação e, de uma forma geral, no seio das Ciências Sociais e Humanas. Devido ao seu caráter multidisciplinar, esta tem vindo a assumir uma posição de relevo na sociedade e a destacar-se pela formação de profissionais relevantes.

### **1.3. Educação e Mudança Social**

A sociedade está em constante evolução, o que implica que ocorra uma mudança social em detrimento dos paradigmas e paradoxos a que esta é afetada. Para que ocorra esta transformação, primeiro ela tem que sofrer uma crise para depois poder se afirmar e desta forma tornar-se no grande pilar do desenvolvimento humano da sociedade. Por isso é que os países que investem mais numa educação de qualidade acabam por a longo prazo recolher os devidos frutos. Para uma sociedade mais desenvolvida, é necessário que a educação “veja” a pessoa no seu todo, não descorando nenhum dos itens: pessoal, social, espiritual, económico, científico. Para formar bons profissionais é preciso mais do que ensinar-lhes conteúdos, é obrigatório inculcar, desde muito cedo, o viver em comunidade, e isto só se faz quando a instituição escola inclua a própria sociedade onde está inserida, para transmitir os seus próprios valores, para uma melhoria da vida destas sociedades.

Segundo Caride Gómez (2007, p.161) a educação é “uma realidade social que implica a formação do homem em todas as suas dimensões. Desde uma visão específica-institucional é um processo organizado de formação das pessoas de acordo com uma tradição e as expectativas conjunturais e históricas próprias de cada indivíduo e sociedade”. Um dos principais papéis reservados à educação consiste, antes de mais, capacitar a humanidade para o seu desenvolvimento humano. Dotar de ferramentas essenciais para a integração no mercado de trabalho e na sociedade. Com a viragem de século o mundo sofreu uma grande mudança a nível científico e tecnológico.

A mudança tecnológica, que antes se fazia sentir de década em década, depois de ano em ano, atualmente é geradora de mudança constante. Isto para referir que se estivermos fora (por uns meses) desta evolução, acabamos por ficar desenquadrados. Uma das problemáticas atuais é mesmo a diferença que existe entre as gerações de pais e de filhos, que é de anos e que abre um fosso na utilização das tecnologias e sobretudo no saber utilizá-las para educar com vista a uma mudança social sustentável.

Segundo Costa (2011, p16.) "A grande educação que se dá aos filhos é vivendo de determinado modo; esta vivência é o modo mais convicto. Aprender a realidade é um momento educativo muito importante."

No contexto de educação ao longo da vida, a escola não deve ser uma entidade fechada do resto do ambiente à sua volta, deve ser uma escola aberta aos problemas e

necessidades do seu território e assim reconhecer-se que as práticas educativas exigem estudar os elementos que as compõem, os processos que as dinamizam e os objetivos a que se candidatam.

É necessária responsabilidade, responsabilizar e responsabilização no ato de amor, de sentir que a sociedade é um todo e que o contributo de todos é necessário e benéfico. Quando educamos com amor e por amor, a proximidade é maior, logo a probabilidade de gerar uma boa educação é maior. Todas as gerações têm um papel essencial em transmitir seus saberes e seus valores à futura geração. Pensar na educação é pensar nas gerações futuras e no futuro da humanidade.

Segundo Alfaro, (1993, p.36), a “educação e a comunicação não dependem só da vontade e das características socioculturais e psicológicas dos actores, mas também dos contextos em que se desenrolam”. Para se educar é essencial que primeiro o ser humano tenha acesso à educação e ter acesso à educação depende de fatores que lhe são intrínsecos a como e onde se é educado. A forma como se educa varia de civilização para civilização, de sociedade para sociedade, de educador para educador, bem como é influenciada pelos fatores económicos e pela instrução dos progenitores.

Quanto maior é a literacia de quem educa, maior será o acesso à educação. Nos países menos desenvolvidos e com maiores dificuldades económicas as pessoas têm mais dificuldade no acesso à educação e principalmente à educação de qualidade. Nos países mais desenvolvidos e com melhores capacidades económicas é mais fácil, acessível e cómodo aceder à educação e às novas tecnologias educacionais. Há fatores inatos que de certa forma influenciam o modo como os conhecimentos são adquiridos e assimilados, uma vez que não depende meramente da vontade individual de cada um, porque tem que se ter capacidades e estruturas cognitivas que o possibilitem, e assim possibilitar que cada indivíduo vá ao encontro de novas formas de fomentar as suas estruturas cognitivas e de se instruir.

As ferramentas tecnológicas abrem novos horizontes e acessos ao conhecimento. Na nova era tecnológica torna-se imperativo o acesso às plataformas virtuais, aos grupos de interação de conhecimentos e partilha de saberes, bem como ao intercâmbio literário. A literacia é tanto maior, quanto a vontade e desempenho em se a obter. Todos aqueles que procuram o conhecimento, que se empenham, que desenvolvem as suas capacidades e estimulam os seus sensores cognitivos terão uma maior capacidade produtiva. Todavia,

se não houver recursos económicos, uma política que fomente a educação e aposte nas novas formas de se educar, se não se desenvolver o sistema educativo e se não se tornar o acesso à educação equitativo, mais dificilmente (para não dizermos, mesmo impossível) alcançaremos uma sociedade plena de direitos, princípios, uma sociedade plena. Enquanto existirem discrepâncias destas, podemos continuar a dizer que a educação é um privilégio e até mesmo uma Dádiva, porque não é para todos de igual modo.

Como já referimos, a educação tem um papel ativo na vida das pessoas, pois condiciona o seu futuro tanto a nível pessoal como profissional. Uma pessoa bem instruída tem, à partida, muito mais hipóteses de se tornar num profissional de excelência. Porém, “a educação não está confinada a uma etapa específica da vida, mas deve estar presente durante toda a vida” (Carneiro, 2001, p. 28). Deste modo, toda e qualquer educação que se inicie no berço, progride no ensino escolar e colmata-se em sociedade. Por isso é que estas três valências são a base de toda e qualquer instrução do ser humano, não esquecendo naturalmente os fatores intrínsecos a cada um, tanto hereditários como da própria personalidade. Nunca é demais salientar que a par com as mudanças sociais, a educação também deve evoluir e ir cada vez mais ao encontro das necessidades individuais de cada pessoa e procurar adequar-se ao que é verdadeiramente necessário para que estes assimilem, de forma a torná-los ativos e autónomos tanto a nível profissional como pessoal.

## **2. Pedagogia da Dádiva**

### **2.1. Abordagem Conceitual da Dádiva**

A abordagem sobre a Dádiva nas Ciências Sociais teve origem em França. É a partir do ensaio de Marcel Mauss (2001, p.108) que, “o principal fundamento de explicação sociológica para a Dádiva (também denominada em português por Dom), é o fenómeno identificado como uma prática fundamental nas sociedades arcaicas”. O mesmo autor defendia que Dádiva correspondia a uma prática com amplas implicações para o conjunto de uma sociedade.

Também, segundo as mesmas orientações de Marcel Mauss (2001, p.108), a “Dádiva é um processo de circulação de bens simbólicos”. Ou seja, significa que o

especto fundamental não é o bem em si ou o seu valor utilitário, mas o que ele representa como valor da relação. A “Dádiva pode e deve ser definida como a forma de circulação de bens onde o primeiro objetivo seja criar, recriar ou fortalecer os vínculos entre as pessoas ou grupos nas sociedades modernas”. Uma das contribuições centrais de Mauss para a Sociologia foi demonstrar que o valor das coisas não pode ser superior ao valor da relação e que o simbolismo é fundamental para a vida social. Esta abordagem originou uma reflexão sobre o verdadeiro sentido da vida das pessoas e das suas relações, e uma nova abordagem a se ter e inculcar na sociedade, passando-se a valorizar mais o Ser e não o Ter. Onde o Ser se remete às relações afetivas e intrapessoais e o Ter às coisas supérfluas e materiais.

Assim, nas últimas décadas, tem-se vindo a constatar que Dádiva é associada a uma troca simbólica, ritual e a um fenómeno moderno de inteligibilidade do social, principalmente quando se considera a delimitação histórica da modernidade (Godbout, 1999). Neste sentido, a Dádiva era um facto social total, pois abarcava todo um conjunto de esferas estruturantes da sociedade (económica, política, jurídica, afetiva, estética, etc.), mas, também, por ser uma prática universalmente desenvolvida, ou seja, reconhecida em todas as sociedades, mesmo que em diferentes matizes e graus. Nas palavras de Godbout (1999, p.20), “a Dádiva implica todas as sociedades e diz respeito à totalidade de cada uma delas”. Tendo um carácter universalmente conhecido pela sua dinâmica social e pelos seus objetivos de criar, recriar ou fortalecer os vínculos entre as pessoas ou grupos. Assim, a Dádiva deve ser empreendida sem a garantia de retorno (Caillé, 1999), pois tudo que visa o retorno, tanto material como emocional implica que seja compreendido como um ato promíscuo e sem sentido na valorização do verdadeiro ato de se dar.

Todavia a Dádiva, nomeadamente nos tempos passados, era realizada com segundas intenções, nas quais as pessoas ajudavam as outras na esperança de que depois estas lhe iriam retribuir com um valor acrescido. Até mesmo na economia vimos esta questão da Dádiva, muitas empresas acabam por oferecer algo aos clientes, mas sempre com segundas intenções, pois o objetivo é que estes acabem por comprar os seus produtos. As empresas preferem dar donativos a associações como Instituições Particulares de Solidariedade Social – IPSS’s e com estatuto de utilidade pública, porque advém daí um retorno financeiro (pagando menos impostos).

Embora o autor acabe por distinguir a economia da Dádiva, também acaba por demonstrar que estas estão interligadas, pois está muito presente na nossa sociedade a ideia de que uma das melhores formas de demonstrarmos os nossos afetos é através de presentes. Assim ao comprarmos algo para outras pessoas estamos a contribuir para a economia do mercado, como são exemplo os comerciantes que muitas vezes apostam em chegar às pessoas através desta questão dos afetos para que elas comprem os seus produtos.

Segundo o mesmo autor, através da Dádiva ao longo dos tempos, os povos foram comunicando e ajudando-se mutuamente, criando alianças entre si, que acabaram por facilitar o comércio. Podemos encontrar, segundo Gomes Araújo (1998), dois tipos de economia, a da Dádiva e a do mercado de “troca”, com as necessidades de dar e receber presentes, sobretudo nos dias festivos, na verdade, num mundo em que o ser humano dá mais importância ao “ter”. Assim, a circulação de bens materiais, o modo de pensar, o utilitarismo, podem parecer uma utopia. Até em grupos de catequese ou escola, se faz o amigo invisível para troca de prendas em que para reduzir o intervalo de expectativas criam um valor teto máximo para todos, por exemplo um valor simbólico, pois todos gostam de receber, mas também gostam de dar.

Podemos então definir a Dádiva como um relacionamento humano baseado, historicamente, num sistema de trocas mercantis que conduziram a que outros processos e dinâmicas sociais, nomeadamente o da Dádiva, fossem substituídos pelo processo da compra e venda, pelo mundo das trocas entre o dar e receber. Aqui as organizações não governamentais (ONG) poderiam e deveriam desempenhar um papel fundamental uma vez que organizam grupos de ajuda mútua entre pessoas, oficializando a sua instituição, mas que na prática frequente e lamentavelmente muitos dos lucros são para partilhar entre os próprios promotores das atividades, como se de um ordenado se tratasse. Estes serão casos em que o altruísmo e a Dádiva não existem. Poderão até ter nascido como associações baseadas num sistema de dom, mas rapidamente se transformaram e adotaram o sistema de mercado ou de dependência estatal, em organizações totalmente “profissionais”, com gestores preocupados com os lucros. Associações essas fundamentadas num sistema de “dom secundário”, conforme denominação de Caillé (2006, p.26) «o dom que une pessoas ligadas umas às outras pela necessidade de realizar tarefas funcionais, por um lado, e o dom massificado, impessoal e anónimo, por outro” o

“dom secundário” baseia-se no sistema do “dom primário”, sendo este “o dom que sela a aliança entre as pessoas»,

Em suma, a Dádiva tem e deve assentar numa sociabilidade primária, na qual se engloba tudo o que envolve a estrutura familiar, a amizade, o ambiente de trabalho, a vizinhança e outras expressões de relação de proximidade, devendo, como tal, estar presente nas relações humanas.

## **2.2. Valor da Dádiva nas Relações Humanas**

Remetendo, originariamente, para um sistema de trocas mercantis, a noção de Dádiva transcende esse sentido, constituindo-se como um valor de relação humana. A experiência de Dádiva é vivida de uma forma multidimensional abrangendo vários aspetos e conceitos e só desta forma pode ser entendida e expressada. A existência da Dádiva e o facto de que cada um de nós necessita dela, dando, recebendo, retribuindo, tendo para isso utilizando a tropologia de Marcel Mauss dar e retribuir são obrigações, mas organizadas de modo particular em cada caso, daí a importância de entendermos como as trocas são concebidas e praticadas.

A noção de Dádiva poderá ser observada como fenómeno e resistir sob a forma de troca com a obrigação de dar e receber presentes, sobretudo nas datas festivas, as pessoas oferecem presentes, na esperança de que depois estas lhe iriam retribuir com um valor acrescido, embora esta perspectiva se assente mais em tempos mais antigos, nos dias de hoje acaba por ainda estar presente, pois de forma consciente ou inconsciente, sobretudo nas relações entre pessoas mais próximas, quando damos algo a alguém, temos sempre a ideia que este nos irá retribuir.

Godbout (1997, p72), definiu estes comportamentos como fazendo parte da “circulação do dom na esfera doméstica”, distinguindo-os em quatro patamares de análise no referido setor: o universo das trocas e apoios efetivos, os serviços prestados e ajudas do dia-a-dia realizados em cadeia, os dons de transmissão que interligam as gerações e os dons associados aos rituais, que são os presentes, mais ou menos excessivos.

O mesmo autor fala-nos do voluntariado, da Dádiva do tempo, muitas vezes o melhor bem que podemos dar ao outro é o nosso tempo, o estar lá junto das pessoas, o

trabalharmos de forma gratuita. Cada vez mais os desafios que são colocados em termos sociais são sobretudo pela falta de tempo das pessoas, do contacto umas com as outras.

Neste sentido, é necessário oferecer um pouco do nosso tempo livre aos outros pois acaba por fazer toda a diferença, uma vez que combatemos de certa forma o isolamento, permitimos que as organizações do setor não lucrativo se desenvolvam mais e consigam ajudar mais e melhor as pessoas que necessitam da sua ajuda, e o autor expõe essa ideia de forma concreta e bem vinculada, acabando mesmo por apelar a uma maior adesão ao trabalho voluntário. O impacto que este tem é positivo e acima de tudo, segundo Papa Francisco (Carta Encíclica, “Fratelli Tutti”, 2020, p.8), na qual enuncia que «cuidar do mundo que nos rodeia e sustenta significa cuidar de nós mesmos. Mas precisamos de nos constituirmos como um “nós” que habita a casa comum».

Desta forma, ao nos entregarmos verdadeiramente ao serviço em prol do bem-estar e comodidade das outras pessoas, estamos a realizarmo-nos como seres generosos e altruístas. Assim, através do voluntariado da Dádiva do tempo, o melhor bem que podemos dar ao outro é o nosso tempo e ao mesmo tempo é o conseguir estar junto das pessoas trabalhando de forma gratuita. Esta gratuidade não só não é ter nada de material e afetivo em troca, mas também e principalmente engrandecer o outro, fazê-lo sentir mais pessoa, ajudá-lo a sentir de novo a sua dignidade humana e ficar contente por isso. Não rebaixá-lo, mas elevá-lo! Sabendo que este não vai retribuir a quem lhe fez o bem, mas poderá fazê-lo, um dia, ou no dia a seguir a outra pessoa. Tantas vezes somos ajudados gratuitamente, e percebemo-lo logo no mais íntimo de nós, e depois damos por nós a ajudar outros gratuitamente, sem pensar na hora que fomos um dia ajudados, pois essa reflexão é feita muitas vezes mais tarde.

A gratuidade é, também, dar a oportunidade ao outro de ser também ele solidário. A gratuidade é também sentirmos que ao ajudarmos somos ajudados, sem o outro nos cobrar nada. Acreditamos que as redes de afinidade criadas a partir da dinâmica e da lógica do Dom constituem bases fundamentais para uma sociedade mais humanizada. Atualmente, o conceito de voluntariado está cada vez mais em voga. A sua origem, porém, remonta a um tempo longínquo, mas não podemos descurar que a ideia que dele hoje temos é inegavelmente distinta da de outrora.

Em Portugal, a existência do voluntariado, e da área social no geral, partiu em grande parte da Igreja. Foi desde muito cedo que a Igreja se emancipou neste campo;

exerceu funções de carácter assistencial voluntário, como, por exemplo, as Santas Casas de Misericórdia (Amaro, 2002, p.37).

O voluntariado consiste num compromisso em que o indivíduo, sem interesses pessoais, disponibiliza o seu tempo livre ajudando o próximo. Em Portugal, ser voluntário não atribui nenhum estatuto nem regalias sociais. Daí existir uma taxa de voluntariado muito inferior no nosso país, comparando com o resto da Europa (Martín, 2005, p.38). Segundo Santos (2002), o voluntariado resume-se em três palavras-chave, a saber: não remuneração, disponibilidade, liberdade. Isto é, o voluntário não deve ser remunerado e a sua atividade deve ser realizada livremente e sempre em benefício do próximo, sempre a favor e para o desenvolvimento da sociedade em geral.

O voluntário tem como objetivo moldar a sociedade para a colaboração, a interajuda, a corresponsabilidade, e não substitui os funcionários ou assalariados de uma determinada instituição com os mesmos fins de apoio a pessoas necessitadas. Ser voluntário é uma escolha pessoal, livre, gratuita para o serviço e bem da comunidade, pois o mesmo tem conhecimento das necessidades e dificuldades locais.

Neste sentido, a Pedagogia Social, enquanto estuda o Humano e Social, tende a criar laços através do contacto com e entre as pessoas. Esses laços devem inebriar-se de doação, de gratuidade, de solidariedade, de respeito e promoção do outro. A Dádiva assenta na melhor forma de ser e de fazer Pedagogia Social. Será importante entrar na problematização teórica e epistemológica da Pedagogia Social, amplamente abordada por autores, onde se destaca a Isabel Baptista (2008). Por exemplo, segundo a autora, uma das formas mais originais de praticar a gratuidade é dar os bons dias a alguém, pois não estamos a pedir nada em troca, apenas a desejar o melhor para o outro. O voluntariado, a gratuidade e a bondade deve andar sempre de mãos dadas

### **2.3. Dádiva na Intervenção Socioeducativa**

No seguimento do que foi dito, o princípio da Dádiva deverá inspirar toda a cultura social, como lembra o Papa Francisco. Na Carta Encíclica, “Fratelli Tutti” (2020, p.9) refere que “as pessoas não devem viver isoladas numa ilha”. Segundo o Santo Padre, a fase de atravessamos de uma pandemia a nível mundial e com as vicissitudes inerentes

à mesma, fez-nos deparar com a “verdade que uma tragédia global como a pandemia do Covid-19 despertou, por algum tempo, a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, onde o mal de um prejudica a todos” (2020, p. 9). Recordamos de que ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos.

Como vimos, uma das características fundamentais da Dádiva é o seu caráter livre e obrigatório, onde os interlocutores são simultaneamente livres a dar, receber e retribuir. Por isso, a Dádiva visa sempre uma aliança entre as pessoas. Por outro lado, a relação de Dádiva enquanto relação social é dinâmica e em permanente construção, o que permite compreender que se aprende a viver numa lógica de Dádiva, na própria relação. A analogia da Dádiva é construída no espaço e no tempo pelos sujeitos da relação na qual esta circula numa reciprocidade diferida no momento. Como refere, Caillé (1998, p. 5-38), “a Dádiva é o que circula ao serviço do laço social, o que o faz aparecer, o que alimenta”. Uma vez que, sem esta vertente única e verdadeira ela perde todo o seu sentido e magnificência. É no dar pelo dar, de forma genuína e altruísta que reside toda a sua essência e a sua conceção. Para além disso, a Dádiva contribui para o romper do isolamento e para que as pessoas sintam a sua própria identidade através de ruturas com antigos sistemas educacionais e sociais.

É nesta valência de interajuda social, do cuidar do próximo, da prevalência do seu bem-estar e segurança, que assenta o verdadeiro sentido que esta pandemia trouxe para a Dádiva na atualidade.

Uma atualidade que ao se marcada pelos efeitos da pandemia desencadeou a mobilização de grupos de pessoas em prol de ações no âmbito de se ajudar o próximo, em especial as populações em vulnerabilidade social. Os movimentos populares ganharam força, e foram vários os atores sociais e solidários que se disponibilizam para ajudar em momentos de emergência e que geraram ondas de solidariedade por todo país. Desta forma a solidariedade emergiu. As pessoas, tanto de forma individual como coletiva, dedicaram-se ao cuidado com próximo e às suas necessidades primárias. É neste espírito de partilha e oferenda de coisas básicas que reside o conceito de Dádiva. Pode-se participar de uma forma mais ativa ou não, consoante as capacidades individuais de cada um neste processo, sem que haja para tal prejuízo de forma alguma. Quando o verdadeiro sentido de ajuda prevalece perante todas as dificuldades que se atravessam, se é assolado por inúmeros entraves a esta nobre causa de ajudar o próximo aquando das suas

dificuldades económicas, escassez de máscaras de proteção individual e todos os tipos de produtos que visem a não proliferação do vírus da Covid-19 e mesmo assim, se continua na linha da frente no combate de um inimigo “invisível a olho nu”.

Com toda esta situação de desastre global, ainda prevalecem todos aqueles que diariamente dão sentido à Dádiva através do seu espírito comunitário e solidário. Trata-se, então de procurar inscrever a Dádiva na intervenção socioeducativa, enquanto prática de pedagogia social desenvolvida em múltiplas esferas de atividade humana, segundo o ideal de educação ao longo da vida, na e com a vida.

## Conclusão

De acordo com que foi dito nos capítulos que integram o enquadramento teórico anteriormente apresentado, a Pedagogia Social é hoje reconhecida como uma ciência da educação importante, respeitante à prática socioeducativa. Compreende-se assim que a Pedagogia Social se baseia num saber histórico detentor de vastas raízes ancestrais e ao mesmo tempo de elevada contemporaneidade. E que desta forma se tornou transversal, passando de geração em geração, de cultura em cultura, de civilização em civilização, até à atualidade, visando a promoção de valores humanistas como o da Dádiva.

O processo de revisão bibliográfica exposto nesta primeira parte, permitiu-nos ainda aprofundar a noção de Dádiva à luz da sociologia de Mauss, concluindo que se trata de um valor fundamental das relações humanas, de importância vital para a vida em sociedade. Como tal, torna-se igualmente importante para a intervenção socioeducativa, isto é, para as práticas de educação desenvolvidas em contexto comunitário e numa perspetiva de solidariedade social.

Neste sentido, podemos dizer que existe uma aproximação entre os princípios de uma pedagogia da dádiva e a pedagogia social, tal como ela é entendida pelos autores referidos, para quem a Pedagogia Social é um saber de proximidade e de hospitalidade (Baptista, 2008). É justamente esta perspetiva humanista que importa promover num quadro de pedagogia da dádiva, concretizada em todos os planos da vida humana, conforme procuraremos mostrar através do estudo empírico.

## **Parte II – ESTUDO EMPÍRICO**

## **Introdução**

Na segunda parte deste trabalho, dedicado ao estudo empírico, apresentamos a descrição e fundamentação de um estudo de caso, enquadrado por uma metodologia qualitativa e respeitante a um projeto de confeção e distribuição de máscaras comunitárias para proteção da Covid-19, distribuídas num Concelho da Região Norte do nosso País.

Assim, num primeiro momento, fundamentamos a nossa opção metodológica estruturada segundo os seguintes pontos: Justificação da Opção Investigativa; Questões e Objetivos da Investigação; Estratégia de Desenvolvimento e Critérios de Análise e de discussão de dados.

Já num segundo momento, apresentamos a contextualização da pesquisa, ordenada em três pontos: Contexto Mundial e Local da Pandemia Covid-19; Onda de Solidariedade: pessoas singulares e instituições e Âmbito de Intervenção – Beneficiários.

No último ponto, procedemos à descrição, análise e discussão de dados, composta por: Perceções dos Atores sobre Valor da Dádiva; Perceções dos atores sobre Práticas de Dádiva e Perceções dos atores sobre os Gestos de Dádiva.

# **1. Justificação da opção investigativa**

## **1.1. Questões e Objetivos da Investigação**

Partindo do princípio de que o valor da Dádiva tem um grande valor na vida das pessoas e nas relações humanas, pretendemos compreender o lugar da Dádiva na Intervenção Socioeducativa.

Neste sentido, formulou-se a seguinte questão de investigação:

Em que medida o valor da Dádiva, enquanto expressão concreta de atenção e cuidado, constitui, ou poderá constituir, um princípio de intervenção socioeducativa?

No seguimento desta interrogação matricial, e para efeitos de estudo empírico, elegemos os seguintes objetivos fundamentais:

- I. Identificar e analisar perceções dos atores sobre valores de Dádiva;
- II. Identificar e analisar perceções dos atores sobre práticas de Dádiva;
- III. Identificar e analisar perceções dos atores sobre os gestos de Dádiva.

Posteriormente, para efeitos de análise de dados, estes objetivos funcionarão como categorias principais, oportunamente desdobradas em subcategorias conforme os significados emergentes do processo de pesquisa.

## **1.2. Estratégia de Desenvolvimento**

Tendo por base os objetivos anteriormente enunciados, em termos metodológicos optámos por uma pesquisa de carácter qualitativo, centrada num estudo de caso, tendo em consideração os argumentos defendidos por Yin (2005) sobre a pertinência desta opção quando estamos diante de um processo investigativo em que o investigador é confrontado

com situações particulares, complexas e dinâmicas, onde as interrogações sobre o “como?” e o “porquê?” se sobrepõem às interrogações sobre “o quê?” e “quantos?” (Yin, 2005, p.13).

A estratégia de investigação que se afigurou mais adequada ao nosso estudo, foi a metodologia de estudo de caso, que segundo, Robert Stake (2009, p.147) o caso é “algo que não compreendemos de forma suficiente, mas queremos compreender e, portanto, fazemos um estudo de caso”. O estudo de caso consiste “na observação detalhada de um contexto, de um indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 154). O estudo de caso depende das questões de investigação Yin, (2004), na medida em que são elas que permitem determinar quais as fontes onde recolher informação significativa e qual a recolha de dados que se deverá fazer (entrevistas, observação, análise de documentos...).

Como já foi referido ao longo do projeto, o presente trabalho incidiu sobretudo no relacionamento e no sentimento da Dádiva, trazendo este sentido de pertença comum, entre as pessoas, levando a que estas sintam a necessidade da solidariedade. O projeto aborda sobretudo a importância da Dádiva na Intervenção Socioeducativa. Com a nossa experiência na área da Intervenção Social percebemos que o contexto de pandemia provocou uma maior necessidade da procura de ajuda por todos os contextos sociais, desde pessoas com poucos recursos económicos às pessoas com maior capacidade monetária. Foi esta constatação que nos levou a escolher o caso do projeto sociocomunitário de elaboração de máscaras no início da pandemia.

Frequentemente, falar da questão da Dádiva é uma abordagem delicada, em que a comunicação com as pessoas nem sempre é fácil. Por isso recorreremos também ao método de observação participativa, através de um diário de campo onde considerámos e registámos diferentes aspetos das pessoas com quem contactámos, assim como os seus comportamentos. Estamos conscientes que o facto de estarmos envolvidas na intervenção estudada pode implicar obstáculos para a pesquisa. Nesse sentido, procurámos desenvolver o processo de pesquisa com o máximo de rigor, respeitando todos os protocolos éticos.

Por outro lado, acreditamos que com a utilização desta metodologia, podemos obter informações mais pormenorizadas sobre a perceção dos atores, uma vez que acaba por existir uma maior aproximação do investigador com o contexto. Na entrevista

qualitativa existe sobretudo “conversação profissional” desenvolvida com o objetivo de levar o entrevistado a falar sobre as suas experiências e perspectivas, capturando a sua linguagem e conceitos, com relação a um tópico determinado (pelo investigador)» (Braun & Clarke 2013, p.77).

Neste seguimento, iniciámos por uma análise documental, seguida de entrevistas abertas realizadas aos diferentes atores, de modo a aferir sobre as suas perceções.

Não podemos deixar de referir que todo o nosso estudo teve sempre em conta e respeitou os princípios do Código de Ética e de Conduta da UCP e da Carta Ética SPCE, “Os/As participantes têm direito a ser plenamente informados e esclarecidos sobre todos os aspetos relativos à sua participação na investigação, bem como a alterar os termos da sua autorização, podendo, inclusive, retirar o seu consentimento, em qualquer altura da investigação. Cabe aos/as investigadores/as informar previamente os/as participantes, ou seus representantes legais, sobre a natureza, os objetivos e a metodologia, benefícios e possíveis riscos da investigação, dispondo-se a prestar os esclarecimentos necessários ao longo de todo o processo de investigação”.

Carta Ética da SPCE, 2020, p. 11

Neste sentido, os participantes foram devidamente informados, tendo dado o seu consentimento (modelo em anexo1), inclusive para a utilização de imagens, ainda que estas tenham sido partilhadas publicamente no âmbito da divulgação do projeto.

### **Técnicas de recolha de dados:**

#### a) Análise Documental

Segundo Judith Bell (2010, p.101), a “maioria dos projetos de Ciências da Educação exige uma análise documental”, e tendo em conta que «” Documento” é um termo geral que designa uma impressão deixada num objeto físico por um ser humano» (idem, ibidem: 103) nesta investigação, tal pensamento não foi esquecido.

Para esta análise, com o objetivo de compreender:

- O conhecimento anterior sobre a realidade territorial em estudo, assim como a participação diária no local, uma vez que o projeto se realizou na nossa área de residência;
- A familiaridade com os contextos e consequente possibilidade de acesso às informações;
- Os mecanismos de funcionamento de algumas das estruturas educativas e sociais.

Recorremos aos seguintes documentos:

- Página da Internet da Câmara Municipal da Região (maio 2021);
- Página da Internet de um Partido Político (maio 2021).

#### b) Entrevistas

Entrevistas elaboradas a pessoas presentes no projeto de confecção de máscaras comunitárias para determinar a abrangência desta causa solidária. As entrevistas foram abertas, sustentadas por um guião (anexo 4), para que assim as entrevistas levassem uma linha de pensamento que nos trouxesse ferramentas de análise para o nosso estudo. Como dissemos, todos os entrevistados consentiram com a colaboração e desde logo asseguramos o anonimato das suas respostas.

Considerando os objetivos em estudo, pretendeu-se conduzir o diálogo das entrevistas com uma relação de proximidade, procurando a criação de laços que permitissem uma melhor relação entre o entrevistador e o entrevistado. Esta técnica é aconselhada “para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo”. (Bogdan e Biklen, 1994, p.134).

Os entrevistados foram pessoas que estiveram de forma presente no projeto (alguns deles estiveram no terreno, na distribuição de máscaras, na oferta de tecidos e no fabrico destas), bem como pessoas e instituições que beneficiaram das máscaras que foram

distribuídas. Todos são residentes do concelho, onde facilmente se espalhou a palavra de forma a abranger todas as freguesias. Deste modo, contribuímos através da confeção e distribuição de máscaras coloridas, para que o seu uso, sobretudo pelas crianças, se tornasse algo mais simples e mais apelativo.

### **1.3. Critérios de análise e de discussão de dados**

Para efeitos de processamento dados foram tidos em conta os objetivos definidos anteriormente e que para este efeito funcionaram como categorias principais, como foi dito. A implicação da própria investigadora no projeto *Máscaras para Todos*, foi adotada de forma consciente, considerando-se os constrangimentos daí decorrentes, mas também, aproveitando o conhecimento próprio da investigadora enquanto *autor e ator* do projeto.

A escolha dos entrevistados foi feita pela sua participação e colaboração no projeto. O grupo de participantes caracteriza-se sobretudo pela sua diversidade, abrangendo assim aqueles que estiveram presentes, sem nos concentrarmos apenas numa faixa etária, ou numa instituição. Constituiu-se assim “uma representação da população ou universo de pesquisa (...) um subconjunto ou uma parte dos elementos que compõem o universo (...)” (Oliveira, 2012, p.89). Assim, entrevistámos vinte pessoas do Concelho que participaram no projeto.

Todas as pessoas entrevistadas foram contatadas por nós e as entrevistas foram realizadas presencialmente, apesar de por vezes algumas pessoas estarem reticentes ao saírem de casa uma vez que o medo da pandemia ainda estava muito presente. Contudo a adesão foi total e acabaram por ficar satisfeitas ao saberem que estavam a colaborar para a realização da presente investigação.

No início das entrevistas, procedemos à apresentação do entrevistador e à explicação do objetivo das mesmas. De seguida, os entrevistados apresentaram-se e assinaram o consentimento informado, onde consentiam com a utilização dos dados para a investigação (Ver anexo1).

Após as entrevistas procedemos ao registo em formato digital. Não o fizemos durante a entrevista, uma vez que o entrevistado podia se sentir incomodado e ficar mais reticente, diminuindo a sua colaboração.

As entrevistas foram realizadas entre abril e maio de 2021, em diferentes locais, com as pessoas que beneficiaram das máscaras. Como alguns dos entrevistados tinham mobilidade reduzida e também devido às restrições provocadas pela pandemia tivemos de nos deslocar às suas casas, enquanto no que diz respeito às pessoas em Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) tivemos de entregar e recolher as entrevistas junto dos seus Diretores Técnicos.

**Tabela 1 - Caracterização das famílias.**

Nº de Entrevista	Género	Idade	Estado Civil	Composição do Agregado Familiar	Habilitações Literárias
1	Feminino	46	Divorciada	5	Licenciada
2	Feminino	40	Casada	4	12º Ano
3	Feminino	40	Divorciada	3	Licenciada
4	Feminino	42	Casada	3	12º Ano
5	Feminino	26	Casada	3	12º Ano
6	Feminino	28	Casada	2	12º Ano
7	Feminino	70	Casada	3	4º Ano
8	Feminino	38	Casada	4	12º Ano
9	Feminino	44	Casada	4	Licenciada
10	Masculino	48	Solteiro	2	Mestre
11	Masculino	69	Casado	3	4º Ano
12	Masculino	52	Solteiro	8	Mestre
13	Feminino	48	Casada	4	9º Ano
14	Feminino	50	Casada	2	12º Ano
15	Feminino	40	Casada	4	12º Ano
16	Feminino	52	Solteira	4	Licenciada
17	Feminino	30	Solteira	3	Licenciada

18	Masculino	75	Viúvo	4	4º ano
19	Feminino	21	Solteira	3	Licenciada
20	Masculino	18	Solteiro	4	12º Ano

(Fonte: Moreira, L. 2021)

Como podemos verificar na tabela acima (Tabela1) as mulheres foram mais recetivas e colaborativas, tanto na participação no projeto, como também, na colaboração com a investigação. É importante salientar que, das vinte pessoas entrevistadas apenas 3 são detentoras do 4º ano de escolaridade, as restantes, são detentoras do ensino secundário e de licenciaturas.

De acordo com as estratégias que foram utilizadas, no que diz respeito a critérios e análise e discussão de dados, tentámos aproximar-nos do um modelo de Robert Dogdan & Sari Biklen (1994, p.205), "a análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrição de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou" o qual implica sistematização, descrição e interpretação.

Assim, os dados recolhidos foram primeiramente sistematizados de acordo com as categorias correspondentes aos objetivos gerais previamente enunciados que, por sua vez, foram depois desdobrados em subcategorias de modo a explicitar a forma de análise.

Fizemos então uma separação dos seguintes modos: missão e objetivos, enquadramento normativo, composição, modelos organizativos, mecanismos específicos de funcionamento, práticas de articulação, constrangimentos, desafios e valores evidenciados durante o processo de inquirição e observação.

## **2. Contextualização da Pesquisa**

### **2.1. Contexto mundial e local da pandemia Covid-19**

O final do ano de 2019 ficou marcado com o surgimento de um vírus, na altura não suficientemente conhecido, que, em Wuhan, República Popular da China, já estava a

fazer vítimas. Parecia tratar-se de algo confinado ao espaço chinês e rapidamente controlável, como acontece, de época em época, com surtos epidémicos estacionais no mundo e particularmente, nos últimos tempos, na China.

Contrariamente ao que se pensava, os primeiros meses de 2020 testemunharam uma veloz expansão transnacional à escala mundial do vírus identificado como Covid-19 ou, simplesmente, Coronavírus, tendo levado a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar a existência de uma verdadeira pandemia.

O novo coronavírus comportava um combinado de características tão complexas quanto imprevisíveis, com a dominante de ser altamente contagioso, de fácil propagação e de elevada perigosidade em termos de letalidade. Nem a sua terapia estava solidamente identificada, tendo o excesso de internamentos hospitalares começado a romper com os sistemas de saúde.

Para se defender deste “inimigo invisível” comum, os Governos começaram a fechar as fronteiras nacionais e internas, chegando a decretar estados de emergência, com o conseqüente confinamento total. Ficava claro que se devia evitar, o máximo possível, a circulação de pessoas, assim como o contacto entre as pessoas, pois com elas circulava também o vírus, que não tardava a fazer vítimas, muitas delas, imensas, mortais.

A humanidade inteira mergulhara no medo, na insegurança, na ameaça da nova doença e na possibilidade iminente de morte. Um certo pânico instalado juntava-se à incerteza do futuro. Nesta azáfama, pessoas houve que não conseguiam acertar o passo com as diferentes medidas de prevenção identificadas e indicadas pelas autoridades sanitárias, designadamente o uso de máscara e do álcool gel. Tudo se complicava mais ainda com o isolamento das pessoas, muitas delas pobres e vulneráveis e entregues à sua sorte.

Muito cedo, no início do mês de março de 2020, no nosso solo pátrio, verificaram-se os primeiros casos positivos da Covid-19. As suspeitas começaram a traduzir-se em casos confirmados e rapidamente foi aumentando o número de infetados por Covid-19, tendo surgido o primeiro Decreto-Lei de estado de emergência a 18 de março de 2020. As notícias que vinham da vizinha Espanha e da Itália eram muito alarmantes: mortes a multiplicarem-se, hospitais abarrotados e alguns já colapsados, montagem de hospitais de campanha, corrida aos ventiladores cada vez mais escassos, chegando mesmo ao ponto de se “ter de escolher quem tratar e quem deixar morrer”.

No Concelho do nosso estudo, o impacto da Covid-19 e das medidas adotadas pelo Governo para o seu combate subia devido aos efeitos que estava a causar. Fomos percebendo melhor isso, graças também à nossa presença profissional na área social. No

nosso fazer as coisas “na linha da frente”, percebemos situações de isolamento, não só físico, mas também social e humano; situações de pessoas desamparadas como também desinformadas daquilo que necessariamente se pedia para se proteger da nova doença. Foi notória a desorientação associada a alguma incapacidade ou impossibilidade de ter o necessário para a recomendada autoproteção.

O uso de máscaras carecia de uma posição unívoca. O Governo e as autoridades sanitárias procuravam o caminho certo para orientar os cidadãos. Entre máscaras de uso comum e as cirúrgicas, entre vantagens, perigos e recomendações, cresceram iniciativas para combater, “de qualquer maneira”, “de alguma maneira”, esse “bicho invisível”, mas altamente letal.

A médica diretora da Unidade de Saúde e a coordenadora Mulheres Socialistas e Igualdade de Direitos, (MS-ID) do Concelho divulgaram um vídeo nas redes sociais (3 de abril de 2020), onde reiteravam a recomendação do uso de máscaras e o recurso oportuno às máscaras de tecido, uma vez que as cirúrgicas, para além de escassas, eram as mais indicadas para os profissionais de saúde desafiados nos hospitais e em espaços similares de tratamento de doentes Covid-19. O apelo delas estava alinhado com os pronunciamentos em conferências de imprensa das autoridades de saúde, dando conta também do aumento vertiginoso de casos e da iminência de ocorrências que podiam escapar ao controlo das autoridades. Ao lado disso, colocava-se o custo das máscaras “convencionais”, nem sempre ao alcance de todos.

*Figura 1 - As primeiras máscaras costureiras de Alpendorada*



*(Fonte, MS-ID Marco de Canaveses, 2020)*

Tal apelo não deixou os habitantes indiferentes. Surgiram, imediatamente, as primeiras respostas de pessoas desejosas de fazer alguma coisa, de ajudar quem precisasse. A nossa humilde pessoa, motivada pelo compromisso com o outro e mergulhada na ação social sob forma profissional e de voluntariado, abraçou o desafio, com o intuito de incentivar pessoas e instituições a avançar para um combate de todos e para todos contra o novo vírus.

*Figura 2 - Localização territorial do Concelho*

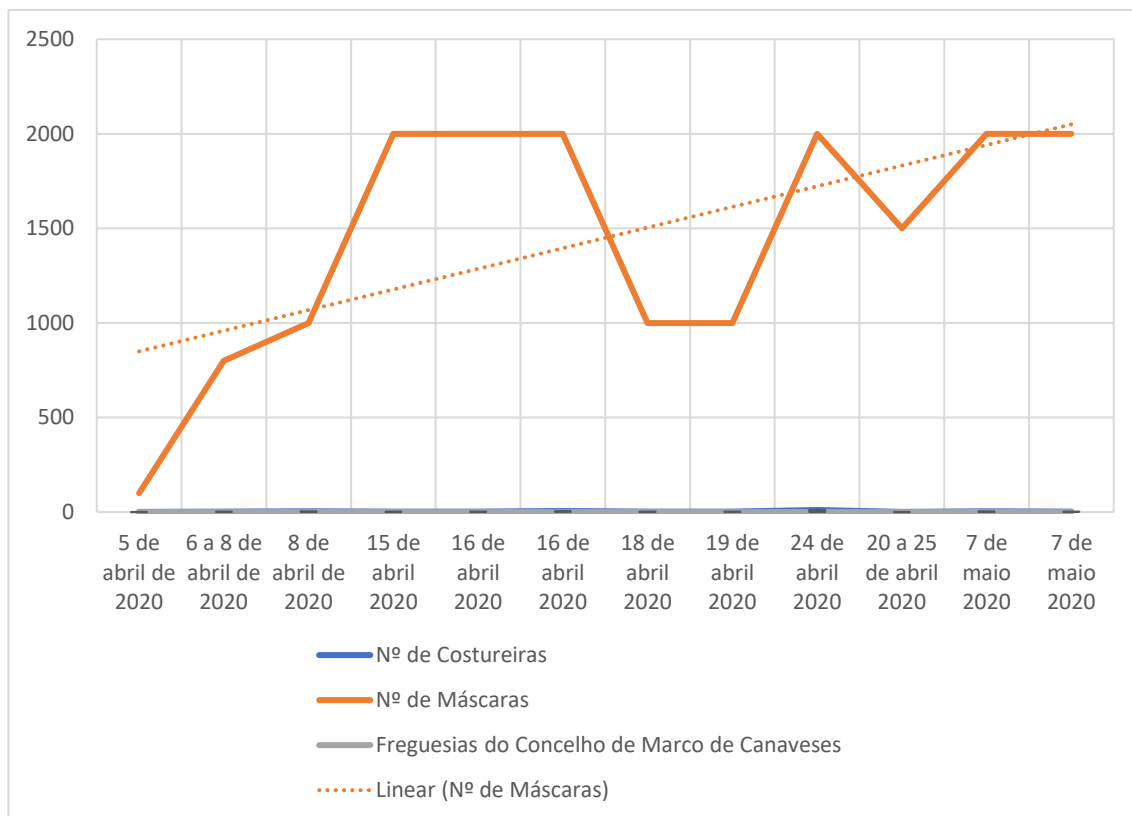


Marco de Canaveses é uma cidade do distrito do Porto. O concelho do Marco de Canaveses é constituído por 16 freguesias, Alpendorada, Várzea e Torrão, Bem Viver, Vila Boa do Bispo, Sande e São Lourenço do Douro, Avessadas e Rosém, Banho e Carvalhosa, Constance, Santo Isidoro e Livração, Paredes de Viadores e Manhuncelos,

Penha longa e Paços Gaiolo, Soalhães, Sobretâmega, Tabuado, Várzea, Aliviada e Folhada, Vila Boa de Quires e Maureles e Marco.

É um concelho vinhateiro, de transformação do granito e de gastronomia típica do Douro.

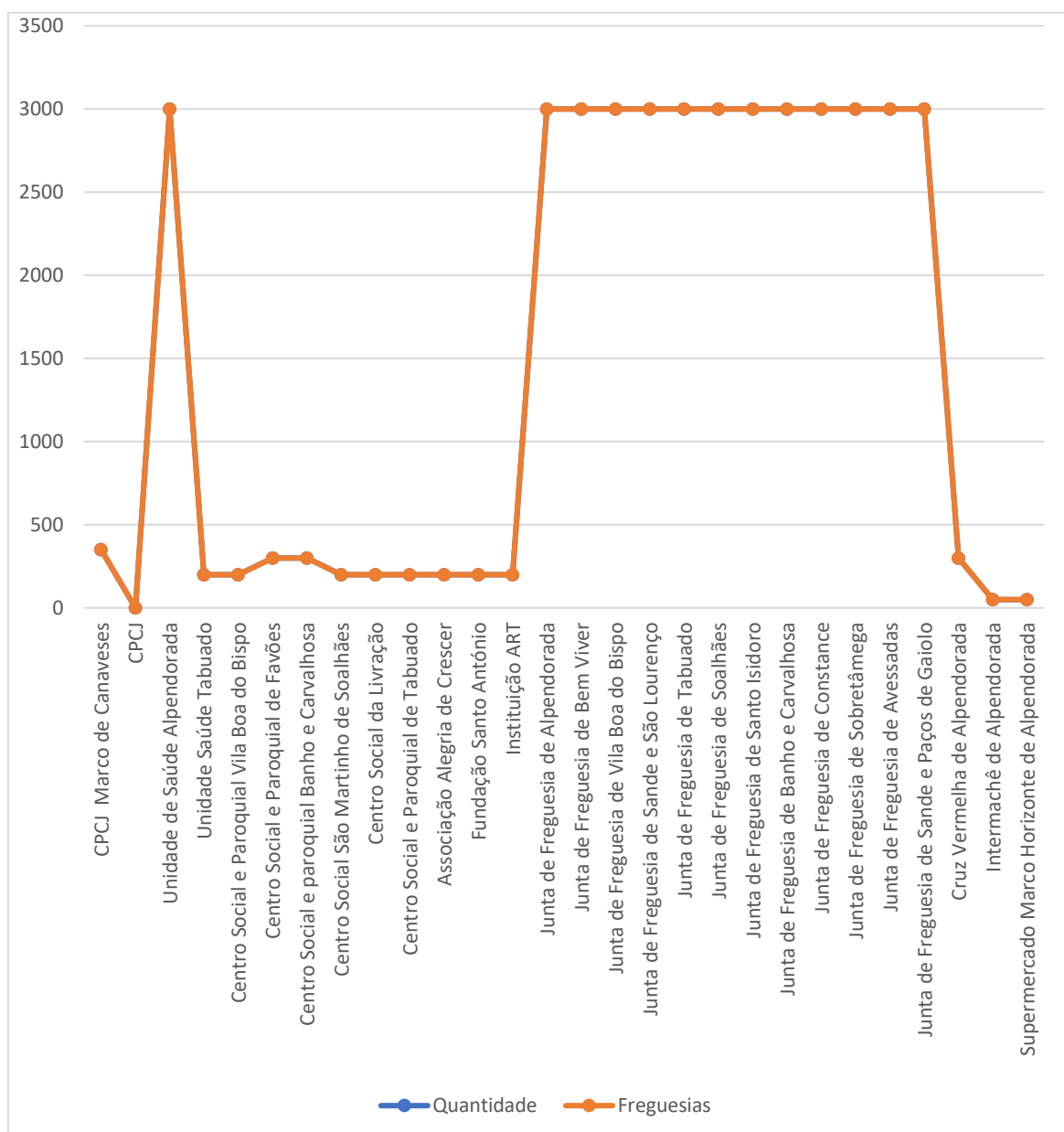
**Gráfico 1-** *Pessoas que colaboraram com tecidos e na confeção de máscaras de tecido*



Moreira, L. (2020)

Ao analisarmos o gráfico acima representado (Gráfico 1) apercebemo-nos que existiu um aumento na colaboração das pessoas com os tecidos e a confeção das máscaras, tendo a 7 de maio de 2020 um total de mais de 2000 máscaras confeccionadas.

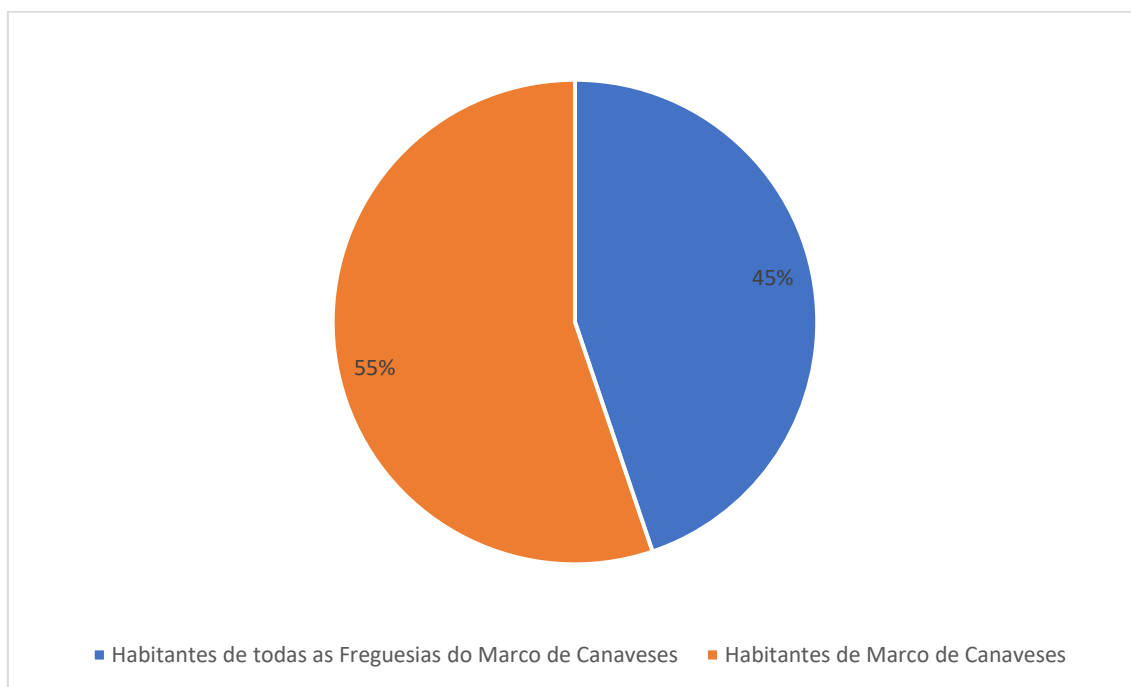
**Gráfico 2 - Instituições que receberam as máscaras de tecido**



Moreira, (2020)

Como verificamos no Gráfico 2, existiu uma necessidade imediata de distribuir as máscaras pelos locais onde existia mais população, como as instituições e as juntas de freguesia, fazendo com que as máscaras chegassem a um maior número de pessoas.

**Gráfico 3 - Máscaras distribuídas porta a porta**



Moreira, (2020)

Percebemos pela análise do Gráfico 3 que existiu uma grande percentagem de máscaras que foram distribuídas pelos domicílios, através de voluntários, da cooperação entre pessoas, salientando a Pedagogia Social que se criou perante toda a população.

## **2.2. Onda de solidariedade: pessoas singulares e instituições**

Neste contexto de pandemia que nos assolou a todos, nasceu o movimento de fabrico artesanal de máscaras em tecido de proteção individual contra a Covid-19, num concelho da região norte do País. A motivação inicial foi muito pessoal e altruísta em atenção aos mais necessitados; foi espontânea, sem calcular o que viria a acontecer. De facto, tudo começou num espaço doméstico, pequeno e privado, à volta de uma máquina de costura.

*Figura 3 - Costureira do Marco*



*(Fonte, MS-ID MCN, 2020)*

Mas, pouco depois, da confecção diária de um número muito limitado de máscaras, de seguida, distribuídas em jeito de voluntariado, às pessoas mais próximas, percebemos a vontade sedenta e agradecida dos primeiros beneficiários e de outras pessoas, entretanto, informadas do gesto. Dilatou-se, simultaneamente, o horizonte do nosso olhar e o alcance do nosso coração, que sentiram a necessidade de continuar e de alargar tão modesta, mas rica iniciativa.

Foi então, que mais pessoas se juntaram ao modesto “gesto de Dádiva” e, em ritmo espontâneo e livre, ganhou forma um movimento abrangente e multifatorial, que veio a encabeçar o Projeto “*Máscaras para Todos*”. Alavancou-se uma verdadeira onda de solidariedade, que envolveu pessoas singulares e instituições. Houve pessoas que cederam tecidos, outras que se dedicaram ao seu corte e à confecção das máscaras, e outras ainda que se ocuparam da divulgação da existência e disponibilidade das mesmas e à sua distribuição, inicialmente, pelas proximidades e posteriormente foi-se a outras comunidades e instituições das freguesias do mesmo Concelho. O recurso às redes sociais facilitou a divulgação da nossa iniciativa, pelo que mais pessoas e instituições se juntaram a nós. O mundo digital abriu-nos ao mundo e sensibilizou pessoas muito próximas de

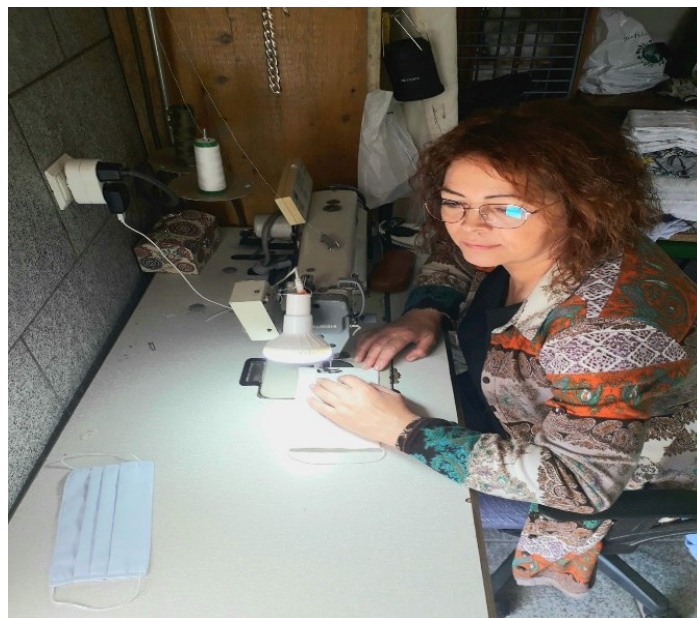
nós. Destacamos um “grupo de mulheres” do Concelho do norte do País, que não poupou esforços no sentido de partilhar gestos concretos de solidariedade.

***Figura 4- Costureira de Alpendorada***



*(Fonte, MS-ID MCN, 2020)*

***Figura 5 - Costureira da Freguesia de São Lourenço***



*(Fonte, MS-ID MCN, 2020)*

Na verdade, o movimento, que acabara de nascer, não só distribuiu “peças de pano confeccionadas”, mas sobretudo gestos de solidariedade e de trabalho colaborativo, de amor e afeto, de esperança e segurança, de saúde e vida.

Como foi dito acima, o pontapé de saída para o Projeto foi dado a partir de um espaço doméstico de afetos íntimos e familiares, onde o “olhar humano” dos pais expostos, como todos nós, à vulnerabilidade provocada pelo novo vírus fez-nos entrar na “casa” de tantas famílias e pessoas realmente carenciadas, reacendendo a necessidade que todos temos de dar alguma coisa aos outros, de nos darmos sinceramente aos outros.

No fundo, era a lógica da Dádiva a guiar as nossas forças, imaginações e ações. Nos primeiros dias de abril 2020, com a nossa modesta máquina de costura, começámos a confeccionar 100 máscaras diárias, devendo fechar a jornada horas adentro da noite. Depressa, este número subiu para 800 máscaras em três dias, pois já contávamos com as primeiras colaboradoras. A produção de máscaras de tecido multiplicou-se consideravelmente com a contribuição e participação de pessoas e instituições das várias freguesias do Concelho do norte do país, designadamente: o movimento “*Máscaras para Todos*” das Freguesias.

Um elemento a relevar no modo de confeccionar as máscaras foi o facto de juntarmos à necessidade e à praticidade dessas máscaras de tecido o pormenor da estética e a Pedagogia da confiança naquilo que estávamos a fazer, pondo o estilo do tecido e as cores a conjugarem com as idades (crianças, jovens ou adultos) e as preferências. No meio dessa triste pandemia, queríamos despertar algo mais, talvez um pouco mais de esperança, um brilho e alguma alegria.

**Figura 6** - *As primeiras máscaras para criança*



(Fonte, MS-ID MCN, 2020)

A distribuição das máscaras confeccionadas obedeceu a dois caminhos: um direto, que consistiu em ir às casas de pessoas carenciadas, porta à porta, começando pelas mais próximas até chegarmos aonde foi possível; neste particular, estavam acauteladas todas as medidas de segurança pessoal para nós e para os destinatários das máscaras; um indireto, que foi por meio de instituições às quais competia fazer chegar as máscaras às famílias das respetivas freguesias realmente necessitadas; assim, entregámos máscaras e contámos com a colaboração das Juntas de Freguesia, de Centros Sociais e Paroquiais, de Unidade de Saúde, entre outras instituições, para a sua distribuição.

*Figura 7 - Centro Social e Paroquial Vila Boa do Bispo*



*(Fonte, MS-ID MCN, 2020)*

No final de tudo, já em maio de 2020, o Projeto produziu e distribuiu 75.000 máscaras de tecido por todas as freguesias do Concelho. Importa dizer que o movimento de produção das máscaras acompanhou o evoluir da própria situação pandémica no nosso País e no mundo, com o levantar progressivo dos decretos de estado de emergência, seguido de desconfinamentos tornados mais flexíveis com a descida acentuada e a estabilização das novas infeções. O início do verão de 2020 tornou as coisas mais tranquilas; baixou inclusive o custo das máscaras “convencionais”. Infelizmente, o outono viria a abrir novas vagas da pandemia Covid-19.

**Figura 8 - Máscaras de Adultos**



*(Fonte, MS-ID MCN, 2020)*

### **2.3. Âmbito de intervenção – beneficiários**

Como já referimos, todos os participantes no presente estudo, concordaram em colaborar, assim como na divulgação das suas fotografias, apesar de estas estarem disponíveis nas redes sociais e sempre de acordo com as normas de conduta da Carta Ética da SPCE:

“Os/As participantes têm direito a ser informados/as sobre os resultados da investigação e sobre a forma como esses resultados vão ser usados e divulgados, em conformidade com o que for acordado no âmbito do Consentimento Livre e Informado, cabendo aos/as investigadores/as assegurar o cumprimento do acordo celebrado em caso de publicação, incluindo a publicação na Internet.”

Carta Ética da SPCE, 2020, p. 12

Seguindo a perspetiva de Fernando Pessoa (Mensagem, 1934) – «Deus quer, o homem sonha, a obra nasce», também este Projeto de intervenção social surgiu de um modo espontâneo de se querer ajudar os mais necessitados. Esta iniciativa visou, por um lado, ajudar na proteção da população e, por outro, libertar as máscaras cirúrgicas para os profissionais de saúde e para todos aqueles que trabalham com grupos de risco, doentes, infetados, idosos, e demais trabalhadores que operavam e operam diariamente e estão mais expostos ao contágio do vírus.

*Figura 9 - Máscaras distribuídas pelas instituições IPSS*



*(Fonte, MS-ID MCN, 2020)*

Dali que o nosso interesse primário foi o de identificar pessoas e famílias que, efetivamente, passavam por privações económicas e instabilidade social. A prioridade foi dada a pessoas vulneráveis, pessoas que vivem sozinhas e famílias isoladas, com dificuldades visíveis de se aguentarem a si próprias diante de desafios de incerteza e de medo.

O serviço social de várias instituições do Estado e da Igreja viu reforçado o seu papel de ir ao encontro dessas pessoas e famílias, intervindo positivamente nas suas vidas. Nisto, desencadeou-se também um certo movimento de voluntariado, embora todos limitados na ação por causa do necessário confinamento e distanciamento.

O Projeto não teve apenas uma vertente material de “fazer coisas” e de “distribuir coisas”. Afinal, o perigo iminente de contrair o vírus, a necessidade de se proteger dele, as incertezas e ambiguidades nas medidas de proteção, incluindo o uso obrigatório ou não, o modo correto do uso das máscaras e o tipo de máscara a usar, e o pôr em movimento toda uma onda de solidariedade – um gesto concreto e pleno de Dádiva – atingiram pessoas e famílias concretas e tocaram o coração de muitos. Este rosto humano dos gestos que fizemos consentiu um verdadeiro encontro interpessoal.

*Figura 10 - Máscaras distribuídas às famílias porta a porta*



*(Fonte, MS-ID MCN, 2020)*

Nesta conformidade, rostos compuseram-se, sorrisos abriram-se, medos e inseguranças desvaneceram-se, com vontade de continuar a lutar e de buscar o futuro escondido em novas esperanças.

Em palavras mais simples, vimos a gratidão e a satisfação dos beneficiários diretos e indiretos deste Projeto. Mas mais ainda, percebemos que ao dar, nada de mais estávamos a fazer, se não participarmos do destino comum da Humanidade, como nos ensina o Papa Francisco nas suas últimas Cartas Encíclicas, *Laudato Si* (2015) e *Fratelli Tutti* (2020). Percebemos que éramos mais nós a receber confiança e segurança na vida e no futuro.

A gratidão e a satisfação dos beneficiários passaram a ser nossa gratidão e nossa satisfação. Muito ficou em nós, muito nos ensinaram aqueles rostos externamente frágeis e trémulos, mas interiormente ricos e capazes de dar muito mais do que aquilo que nós imaginamos.

*Figura 11- Supermercado Marco Horizonte Alpendorada*



*(Fonte, MS-ID MCN, 2020)*

Em jeito de conclusão desta breve apresentação daquilo que foi e é o Projeto “*Máscaras para Todos*”, quisemos identificar e evidenciar algumas linhas de considerações finais, que ficam como lições e desafios para todos nós.

Em primeiro lugar, está o facto de, no início, ter havido pouca clareza e escassa informação sobre o uso das máscaras, assim como o custo elevado que elas representavam sobretudo para as pessoas e famílias de fraco provimento económico. O Projeto, ao confeccionar de uma forma artesanal e em grande escala máscaras de proteção individual reutilizáveis, e ao distribuí-las gratuitamente, permitiu à população do Concelho, o acesso gratuito às máscaras e, conseqüentemente, uma mais segura proteção de todos.

O início foi de trabalho árduo, agravado por suspeitas e questionamentos sobre a credibilidade e segurança das máscaras de tecido, porque nem a Direção dos Serviços Nacionais de Saúde davam ainda suporte claro à modalidade e tipologia das máscaras.

Valeram-nos a atitude de resiliência e a força do amor para com o outro, sobretudo quando desprovido do necessário.

Os bons gestos comovem e movem. Por isso, formou-se, muito depressa, uma grande onda de solidariedade e entrámos numa roda colaborativa de energias e de trabalho muito interessante. Nasceu o pasmo ante “a força da união de todos”. O nosso trabalho expôs-nos a riscos maiores de contágio do vírus. Havia ainda incertezas tanto sobre a terapia como a vacina contra o Coronavírus. E, no entanto, algo maior levou-nos a praticar o bem em prol dos outros, que acaba por ser de todos nós.

Neste contexto, e tal como se salienta mais adiante a propósito da perceção dos reconhecido pelos atores, o movimento de confeção de máscaras em tecido trouxe esperança de que outras pessoas como nós fizessem o mesmo e conseguissem ajudar ainda mais famílias.

*Figura 12- Cruz de Vermelha de Alpendorada*



*(Fonte, MS-ID MCN, 2020)*

No fim, nasceu também a nossa inquietação de refletir e de escrever sobre a Dádiva – como pequenos gestos de solidariedade, como é o caso da confeção e distribuição de máscaras, podem revelar o melhor que cada ser humano carrega dentro de si e deve ter a alegria de partilhar com os outros, não empobrecendo, mas enriquecendo-se.

### 3. Análise e Discussão de Dados

#### 3.1. Percepções dos atores sobre o valor da Dádiva

O traço relevante neste ponto corresponde à análise dos dados recolhidos de modo a se identificar e analisar o valor da Dádiva, baseada em fatos científicos através do testemunho dos autores de referência do século XX e de testemunhos atuais da minha sociedade.

O contexto da Dádiva esteve no passado, está hoje e estará sempre em constante mutação e evolução, uma vez que os paradigmas e paradoxos da sua conceção são suscetíveis de se adaptarem às novas realidades e exigências dos tempos modernos e de uma sociedade exigente e rigorosa. Por isso mesmo e em detrimento de uma correta análise de dados, é imperativo que se tenha em consideração uma correta abordagem sobre os mesmos, como salienta Robert Bogdan e Sari Biklen (1994), “processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, (...) e de outros materiais que foram sendo acumulados (...)”(idem, ibidem:205) e também segundo a mesma linha de pensamento do autor, que “...os dados são em forma de palavras ou imagens e não números” (idem, ibidem: 48). E é através da recolha de informação obtidas pelas entrevistas que o investigador consegue analisar e interpretar os dados recolhidos e processá-los de acordo com a sua linha de pensamento, como enuncia Judith Bell (2010), “os dados em estado bruto, provenientes de inquéritos, esquemas, de entrevistas, listas, ..., têm de ser registados, analisados e interpretados.”, como também, “o trabalho do investigador consiste em procurar continuamente semelhanças e diferenças, agrupamentos, modelos e questões de importância significativa.” (idem, ibidem: 183). Deste modo, o cerne de todo o trabalho do investigador deriva da forma como este consegue processar de uma forma coesa toda a informação obtida através das entrevistas e dos seus conhecimentos sobre o tema em análise.

No âmbito de se identificar o valor da Dádiva nas nossas vidas e na forma que esta condiciona as nossas ações no nosso quotidiano verificamos que a maioria dos entrevistados se encontra em estado de gratidão. Como estas entrevistas decorreram numa situação atípica ao nosso quotidiano e perante todas as vicissitudes e incertezas causadas pela pandemia, as pessoas entrevistadas demonstraram na sua maioria pelo medo, receio, mas acima de tudo, um novo alento para as suas vidas. Bem como uma nova perspetiva

para gerirem as suas vidas e de se relacionarem com o próximo. O sentimento de gratidão e de resiliência foi o mais denotado em todas as entrevistas, e nas quais as pessoas sentiam ter ganho uma “nova vida” com toda esta situação.

Numa forma geral todos os participantes afirmaram que esta Dádiva foi fundamental porque trouxe uma maior segurança às pessoas, uma vez que a distribuição foi igualitária sem olharmos a estratos sociais. Como podemos verificar nas respostas que passamos a citar:

*“Estávamos a iniciar o primeiro pico da pandemia, e era importante as pessoas se protegerem, sabíamos que a Direção Geral de Saúde ia pedir o uso das máscaras comunitárias para todos.” (E1/Q1).*

Segundo esta participante, no início da pandemia vivia-se na certeza da necessidade do uso da máscara e embora as informações chegassem aos poucos, tinha-se a certeza de que estas seriam necessárias para nos protegermos do vírus.

*“Vivenciei o quanto toda esta situação afetou os idosos e a normalidade do centro social. Quando foi implementado o uso obrigatório das máscaras de proteção individual, tomei conhecimento desta iniciativa de fabrico artesanal de máscaras para colmatar a transmissão do vírus. (...) Esta ajuda foi crucial, permitiu fazer a primeira distribuição pelos mais velhos, possibilitando mais segurança, e libertar as máscaras cirúrgicas para os profissionais de saúde” (E10/Q1).*

Esta entrevistada enuncia a vulnerabilidade dos mais idosos e da importância do uso das máscaras nesta faixa etária, colmatando com a ideia de se facultarem as máscaras cirúrgicas para as pessoas na frente do combate, como médicos, enfermeiros, polícias...

*“Esta ajuda permitiu além de ajudar os outros, ajudar a nós mesmas, ou seja, ajudou a colmatar o desespero que o país vivia, rodeado por incertezas, medo e insegurança.” (E5/Q1).*

Acreditava-se que ao se ajudar os outros se estava a ajudar a elas mesmas, como se evidencia no testemunho desta entrevistada.

*“Quando recebi a primeira máscara de tecido, estranhei, senti desconfortável, com pouco ar, (...) mas a doutora do centro de saúde dizia que era muito importante, que*

*salvava a minha vida. Desde esse momento usei sempre a máscara, e também era lavada sempre que necessário. As máscaras foram muito importantes, possibilitou-me sair á rua, ir às compras.” (E7/Q1).*

*“no início foi difícil de aceitar o uso da máscara, principalmente de tecido, levantou muitas interrogações por parte do Governo, o Presidente da República chegou a alegar que usar máscara era contraproducente (...) no entanto mesmo perante esta situação divergente, achei prudente usar, bem como a minha família.” (E17/Q1).*

*“(...) de um vídeo apelava ao bom senso de todos para o uso generalizado de máscaras. Pois deste modo se todos usassem podíamos proteger uns aos outros, ou seja, eu protejo-te e tu proteges-me. Salientei que a máscara podia ser confeccionada em tecido, deste modo libertava as máscaras cirúrgicas para os profissionais de saúde.” (E16/Q1)*

*“Ouvindo e lendo notícias, comecei a perceber melhor a gravidade de uma nova doença no mundo – a covid-19. Inicialmente, não sabia, ao certo, o que era e viria a ser essa doença. Apenas compreendi que havia um alerta no país, já com visíveis manifestações de preocupação em toda a Europa e no mundo. Itália e, logo a seguir, a Espanha começavam a registar um crescimento exponencial de casos de infetados e de mortes. Percebi medo e insegurança nas pessoas, como se tivesse sido decretada uma sentença geral de morte.” (E12/Q1).*

*“Ajudei na confeção de máscaras porque precisava para mim e para a minha família, não tínhamos acesso a outras, nem com dinheiro...as cirúrgicas estavam reservadas para os profissionais de saúde.” (E3/Q1).*

*“as máscaras foram uma mais-valia, num tempo de incertezas, medo, receio pelo desconhecido.” (E2/Q1)*

*“depois de ver a publicação nas redes sociais, ofereci de imediato a minha colaboração na confecção das máscaras, pois era importante proteger toda a gente.” (E4/Q1).*

*“estava desempregada, junto com a minha irmã decidimos ceder a nossa confecção para a primeira produção de máscaras, foi emocionante verificar a alegria das pessoas quando receberam as nossas máscaras.” (E6/Q1).*

*“a pandemia covid-19 surgiu e ninguém estava há espera, confesso que no início não dei a devida importância, porém rapidamente percebi que a situação era muito grave. Quando me pediram a minha colaboração para a confecção de máscaras não exitei, aceitei de imediato.” (E13/Q1).*

*“tínhamos a nossa confecção parada devido às normas ditadas pelo nosso governo, o país parou e o trabalho também, porém pediram-nos para colaborar na confecção de máscaras, depois de falar com a minha mãe, colocamos mão há obra e produzimos 2000 máscaras.” (E14/Q1).*

Optámos por dar especial destaque a estes testemunhos, aqui referenciados em grande número, por entendermos que a palavra dos atores é bem expressiva dos sentimentos experienciados durante a concretização do projeto. Um projeto que assim se constitui verdadeiramente como um belo exemplo de Dádiva, tal como ela é entendida pelos autores enfatizados na primeira parte. É perceptível que todos estão de acordo quanto á gravidade da situação que se fez sentir, e a real importância de ajuda mútua, em volta de uma situação inesperada a pandemia Covid-19.

*“Família” ganhou uma grande dimensão e se já a valorizava e era fulcral para nós, a partir de então ainda mais. Tornou-nos ainda mais metódicos e fez-nos criar estratégias para passar estes tempos de confinamento de uma forma mais assertiva...” (E8/Q5);*

*“Ao mesmo tempo, fez-nos refletir sobre o que era verdadeiramente importante para a nossa vida e as pequenas coisas que já valorizava passaram a ter uma conotação mais relevante e as que desvalorizavam a serem postas de parte.” (E8/Q3);*

*“Mostrou-nos também o lado solidário das pessoas em ajudar o próximo.” (E1/Q5);*

*“...não existiu maiorias nem minorias todos foram tratados de igual forma e ficou saliente que quando se trata da saúde a melhor forma de a proteger é unirmo-nos e lutar pela segurança de todos.” (E19/Q5).*

E aqui compreendemos como pequenos gestos, feitos com coração grande, ganham dimensões grandes e produzem efeitos multiplicadores de generosidade.

*“As primeiras máscaras foram confeccionadas, por uma voluntária que contou com duas vizinhas amigas, neste projeto inicial.” (E1/Q4)*

*“Foi uma semana árdua, de muito trabalho, chegamos a produzir 300 máscaras por dia, contudo o facto de poder ser útil e ajudar os mais vulneráveis fez esquecer por breves momentos a pandemia que o mundo e o país enfrentava diariamente.” (E4/Q4)*

*“Eu já tenho idade de risco, não vou mentir, tive e ainda tenho muito medo de ser infetada, mas naquele momento esqueci que o covid-19 existia, era muito bonito de ver todo o trabalho a ser feito, para ajudar tantas pessoas, pessoas como eu que não sabem costurar, e desse modo, puderam ter duas máscaras para se proteger.” (E11/Q4)*

*“Como irmã da mentora deste projeto de confecção de máscaras de carácter social, acolhi de bom grado esta iniciativa. Aquando do início desta pandemia a palavra que melhor definiu o que sentia foi “medo”; medo pelo desconhecido vírus, medo pela incerteza de como este se ia propagar e manifestar em cada pessoa, medo por ser infetada ou por algum dos meus familiares mais próximos o ser (...)” (E8/Q4)*

*“pessoas, quiçá, mais desamparadas. Curiosamente, ofereci, há bem poucos dias, alguma máscara nova.” (E12/Q4).*

Com as respostas dos entrevistados, acima apresentadas, entendemos ser de salientar o facto de que na sua generalidade, o movimento criado com as “Máscaras *para todos*” fê-las como que despertar para a verdadeira Dádiva. E acima de tudo, ajudou em tempo de crise a aproximar mais as pessoas umas das outras, bem como a motivar o interesse pela partilha, pela generosidade, pela compreensão dos medos uns dos outros e pela aceitação das dificuldades e incertezas que estes tempos acarretavam. Pode-se verificar, que estes tempos de pandemia, foram tempos de mudança, nomeadamente no que diz respeito à família, ao sentimento de perda daqueles de quem gostamos e da nossa própria vida e também de se valorizar ainda mais a liberdade que se tinha antes desta.

Por sua vez, também nos levou a despertar para a ajuda ao próximo de uma forma altruísta e generosa. Justamente, o tipo de valores e atitudes que consideramos fundamentais numa perspetiva de intervenção socioeducativa.

### **3.2 Perceções dos atores sobre práticas de Dádiva**

Aquando da divulgação deste projeto de confeção e distribuição de máscaras em tecido de proteção individual, muitas foram as pessoas que demonstraram o seu altruísmo, espírito de equipa, solidariedade, generosidade e complacência para com os mais necessitados, desinformados, negligenciados e desprotegidos. Esta nova variante desta estirpe de Coronavírus, em pouco tempo se demonstrou altamente mortal e contagiosa e desta forma num curto espaço de tempo se tornou em uma pandemia a nível mundial, afetando todos indiscriminadamente. E foi assim, que por isso se conseguiu angariar material de fabrico e mão de obra tão rapidamente. As pessoas sentiram a urgência de serem solidárias e de se aliarem a uma causa que afetava a todos.

A relação pedagógica baseada no espírito da Dádiva permitiu a criação de diferentes valores, sobretudo os valores de responsabilidade social, pois surgiu esperança entre as pessoas, uma vez que estas já podiam sair à rua com uma mais segurança. Foi

notório o crescimento do espírito de solidariedade, em que os habitantes se tornaram mais solidários uns com os outros criando formas de se protegerem mutuamente. Também através das *Máscaras Para Todos*, graças às cores e aos desenhos, educámos as crianças para olhar para o uso da máscara como algo não tão agressivo, incentivando-as, assim, a usarem a máscara de livre vontade para se protegerem. Desta forma, as máscaras tornaram-se cada vez mais apelativas, pois iam ao encontro dos gostos de cada faixa etária. Assim se confeccionaram máscaras mais apelativas, mais coloridas e com padrões mais infantis para as crianças e com cores mais sóbrias e neutras para os adultos.

Porém, o que diferenciou estas máscaras em tecido das de igual modo de fabrico artesanal, foi o fato de cumprirem escrupulosamente as normas impostas pela DGS, como a colocação na parte interna da máscara de Tecido Não Tecido – TNT, que servia de filtro e do tecido exterior ser de algodão. Qualidade ao serviço dos mais necessitados, fragilizados, carenciados e desprotegidos. Este movimento foi de encontro com os mais vulneráveis e procurou levar proteção aliada à informação de como usar as máscaras, onde e quando, como a forma de as reutilizar e lavar.

Esta satisfação e agrado das pessoas é bem notória nas suas respostas:

*“A verdade a que o movimento #MascarasParaTodos cresceu tanto, que as empresas têxteis do concelho também quiseram entraram no movimento, e conseguimos ter uma empresa têxtil por freguesia no fabrico das máscaras, também podemos contar com algumas senhoras costureira de várias freguesias do concelho, que se juntaram a nós. (...) Este movimento, teve um grande sentimento pessoal para mim, aprendi que tudo é possível fazer, quando todos juntos nos unimos por uma causa. Mostrou-me também o lado solidário das pessoas em ajudar o próximo. A comunidade Marcuense através do nosso movimento foi vista como um exemplo por vários concelhos vizinhos, que seguiram os nossos passos, para ajudar a proteger as suas gentes.” (E1/Q2).*

*“Deste modo e segundo as recomendações dadas pela DGS tive a necessidade de pedir ajuda para proteger os mais indefesos, os nossos queridos idosos.” (E10/Q2).*

*“Esta ajuda permitiu além de ajudar os outros, ajudar a nós mesmas, ou seja, ajudou a colmatar o desespero que o país vivia, rodeado por incertezas, medo e insegurança. Foi uma semana árdua, de muito trabalho, chegamos a produzir 300 máscaras*

*por dia, contudo o facto de poder ser útil e ajudar os mais vulneráveis fez esquecer por breves momentos a pandemia que o mundo e o país enfrentava diariamente.” (E5/Q2).*

*“Reuni algum tecido que tinha em casa, outros foram doados por vizinhos, que passavam na rua e viam-me na máquina de costura a confeccionar máscaras, chegaram a trocar tecido por máscaras, sim viveu-se muitos momentos de aflição, era difícil dizer que não, aos que pediam uma máscara.” (E3/Q2).*

Tudo começou com simples ato altruísta de uma pessoa singular que ousou confeccionar em sua casa as primeiras máscaras em tecido. Ato este que tomou uma repercussão gigantesca e que abrangeu inúmeras famílias que necessitavam das mesmas.

Em pouco tempo, muitos foram aqueles que se voluntariaram para angariarem tecidos, confeccionarem e distribuírem as máscaras, numa fase inicial pelos idosos e posteriormente pela população em geral. Todavia existiram muitas pessoas à procura deste tipo de máscaras e que se disponibilizaram a divulgar esta iniciativa de cariz social. Na generalidade todos se disponibilizaram a colaborar com o que tinham ao seu alcance, como:

*“Cedi a minha casa para que a minha filha pudesse confeccionar as primeiras máscaras de tecido. Disponibilizei o ferro lençóis de algodão e ofereci muitos metros de TNT, pois diziam que era o mais seguro para a produção das máscaras.” (E11/Q2).*

*“Falava-se de máscaras quase na linha de “material de salvação”! Quem as não tivesse, parecia encaminhar-se para o perigo do contágio mortal!!! Onde as encontrar? Como as adquirir? O preço delas não estava tão acessível. Todos, porém, tínhamos que as usar, apesar de escassas. A palavra “reinventar” tomou conta do momento. Surge, então, o recurso às máscaras de tecido, menos onerosas e muito práticas para o uso comum, com a possibilidade de serem lavadas e reutilizadas. Além da iniciativa oficial do meu Concelho de residência, recebi a surpresa de lotes de máscaras fornecidas, gosto e prazer, pela colega.” (E12/Q2).*

Apesar de ter sido um processo gradual, existiu uma grande sensibilidade e resiliência que acabou por caracterizar as pessoas nesta relação pedagógica motivada pela

Dádiva, os voluntários deixaram de lado os seus medos e incertezas face ao vírus, para se ajudarem, criarem o projeto e proteger toda a sua população.

À medida que as pessoas se iam integrando sobre as medidas a tomar, os cuidados a ter e das normas a serem aplicadas, através dos noticiários e plataformas digitais da DGS, o projeto teve um maior alcance. A rápida propagação do vírus, do seu contágio e da elevada taxa de mortalidade, bem como os efeitos nocivos nos sobreviventes à infeção deste vírus, toraram a sociedade mais vigilante, atenta, solidária e participativa em movimentos sociais e de caris solidário.

*“Curiosamente, oferecemos, há bem poucos dias, algumas máscaras novas.” (E12/Q4).*

E a onde, a cada dia se conseguia angariar mão de obra especializada e com melhores recursos de produção.

*“...conseguimos ter uma empresa têxtil por freguesia no fabrico das máscaras, também podemos contar com algumas senhoras costureiras de várias freguesias do concelho, que se juntaram a nós. (...) (E1/Q2);* todavia foram tempos difíceis, de trabalho árduo e metucioso... *“Foi uma semana árdua, de muito trabalho, chegamos a produzir 300 máscaras por dia...” (E5/Q2);*

Porém, emanados por sentimentos nobres e mesmo perante tantas adversidades, o sentimento de generosidade contagiou outros bravos participantes neste movimento que era de todos.

*“Reunimos algum tecido que tínhamos em casa, outros foram doados por vizinhos, que passavam na rua e viam-nos na máquina de costura a confeccionar máscaras...” (E3/Q2); “Foram imensas as pessoas que contribuíram, com tecidos, elásticos, e com mão de obra.” (E3/Q5).*

E estimulando os familiares a participar.

*“Cedi a minha casa para que a minha filha pudesse confeccionar as primeiras máscaras de tecido. Disponibilizei o ferro lençóis de algodão e ofereci muitos metros de TNT, pois diziam que era o mais seguro para a produção das máscaras.” (E11/Q2) “Foi*

*uma semana árdua, de muito trabalho, chegamos a produzir 300 máscaras por dia...” (E4/Q4);*

até ao ponto de este projeto se tornar tão abrangente e aliciante que levou grandes empresas do setor têxtil a colaborarem.

*“A verdade a que o movimento Mascaras Para Todos Marcuenses cresceu tanto, que as empresas têxteis do concelho também quiseram entraram no movimento, e conseguimos ter uma empresa têxtil por freguesia no fabrico das máscaras, também podemos contar com algumas senhoras costureira de várias freguesias do concelho, que se juntaram a nós.” (E1/Q3).*

*“Este movimento, teve um grande sentimento pessoal para mim, aprendi que tudo é possível fazer, quando todos juntos nos unimos por uma causa. Mostrou-me também o lado solidário das pessoas em ajudar o próximo. A comunidade através do nosso movimento foi vista como um exemplo por vários concelhos vizinhos, que seguiram os nossos passos, para ajudar a proteger as suas gentes.” (E1/Q5)*

*“Foi então que no dia 6 de abril decidi publicar as primeiras máscaras nas redes sociais, apelando ajuda. Desde esse momento a ajuda chegou de vários pontos do concelho do marco de canaveses. Foram imensas as pessoas que contribuíram, com tecidos, elásticos, e com mão de obra.” (E3/Q5)*

*“O facto de confeccionarem máscaras para crianças foi muito bom. Numa fase em que as máscaras eram escassas, a informação também e quando as que existiam, as descartáveis, atingiam valores elevados nas farmácias e nas grandes superfícies. Tenho consciência da importância deste projeto de carácter social e que beneficiou, como a mim, muitas outras famílias na mesma situação de confinamento social.” (E8/Q5).*

*“agradeço imenso toda a generosidade, sempre que pedi recebi no tempo que mais precisava.” (E2/Q5).*

*“A sensação foi única e de muita alegria, e sobretudo o sentimento de gratidão por todo o trabalho desenvolvido por essas mulheres.” (E9/Q5)*

*“Existiu um grande empoderamento, sobretudo da população que estava em casa desempregada e reformada, ao saber que estavam a ser uteis para um projeto tão importante e que contribuía para a segurança de todos. No projeto não existiu maiorias nem minorias todos foram tratados de igual forma e ficou saliente que quando se trata da saúde a melhor forma de a proteger é unirmo-nos e lutar pela segurança de todos.” (E19/Q5)*

*“Fiquei deveras agradecido a essa iniciativa. Ela deu-me forças de partilhar com outras pessoas, quiçá, mais desamparadas. Curiosamente, ofereci, há bem poucos dias, alguma máscara nova. E aqui compreendemos como pequenos gestos, feitos com coração grande, ganham dimensões grandes e produzem efeitos multiplicadores de generosidade. Renovo os meus agradecimentos. Imagino quanto bem esse projeto fez e faz a pessoas muito mais carenciadas, que vivem isoladas ou abandonadas.” (E12/Q5).*

*“foi um trabalho lindo e de equipa, consegui máscaras para toda a minha família e para os meus vizinhos, nem pensei muito no risco que corria diariamente de contágio.” (E3/Q5).*

*“gostei muito de participar, senti que fui útil, fomos referencia para outros concelhos do país. A partir do nosso projeto outros seguiram o mesmo.” (E4/Q5).*

Uma vez mais, o testemunho dos atores, daqueles que viveram efetivamente o projeto, é elucidativa do poder da Dádiva, em contexto de intervenção socioeducativa indo assim ao encontro das teses defendidas pelos autores de referência e expostas na primeira parte, Na linha de Mauss, a Dádiva constitui um valor muito importante na intervenção socioeducativa pautada por valores de pedagogia social, como partilha, proximidade e hospitalidade (Azevedo, 2007; Baptista, 2007; 2008).

Pode-se verificar que o movimento que começou de forma isolada, num curto período de tempo ganhou uma grande abrangência, tanto na população local como no setor

têxtil das áreas vizinhas. Houve muitas pessoas que se voluntariaram para ajudarem neste projeto, de forma a torná-lo abrangente a um maior número de cidadãos, bem como a tornar possível que se diversificasse a sua confeção de modo a se incluir a confeção de máscaras para crianças.

De um modo geral, todos os colaboradores com este projeto de confeção de máscaras, manifestou agrado e empatia para com todos os envolventes, nomeadamente com as pessoas que recebiam as máscaras em tecido.

*“foi um mês de muito trabalho, vinha todos os dias de outro concelho para ajudar a minha irmã na confeção de máscaras, foi muito gratificante, a emoção era imensa. Os rostos das pessoas felizes por receber as nossas máscaras alegravam o nosso coração.”* (E6/Q5).

Neste contexto de trabalho árduo por parte de todos aqueles que de uma forma ou de outra interagiram neste projeto, foi deveras gratificante o reconhecimento da população que fora abrangida pelo mesmo, uma vez que a cada dia se superavam inúmeras dificuldades a todos os campos. Contudo, estas fizeram com que esta equipa se mantivesse mais unida do que nunca e que enfrentassem cada desafio, cada vicissitude com mais empatia e motivação.

### **3.3 Perceções dos atores sobre os gestos de Dádiva**

Quando os nossos gestos são aliados a bons fundamentos e valores intrinsecamente enraizados na nossa forma de ser e de agir, só se pode esperar que o resultado final seja magnífico. Todavia, nem sempre estamos predispostos ou disponíveis para exercermos pequenos atos de Dádiva. Nestes casos, um mero impulsionamento pode fazer a diferença e foi o que aconteceu nesta pandemia. Se por um lado, as pessoas eram assoladas por sentimentos negativos como o medo, por outro lado, a vontade de ajudar e fazer a diferença em tempo de crise, marcou este movimento de cariz social. Que acabou por ser também benéfico para a saúde mental de quem participou no fabrico das máscaras.

Criaram-se laços afetivos entre todos aqueles que participavam no projeto, dos que fabricavam, dos que distribuíam e dos que recebiam. Toda a população do concelho ficou grata àqueles que pensaram em criar estratégias para ajudar a colmatar a escassez de máscaras em contexto pandémico. Entre os que fabricavam e davam os tecidos criou-se uma união tal que acabaram por sentir que formavam uma família, pois passavam os seus dias a trabalhar para ajudar aqueles que mais precisavam de si em todo o Concelho. Todavia, tudo isto aconteceu de uma forma gradual e quanto maior era a informação que nos chegava através da DGS através dos meios sociais, maior era a entrega afetiva a esta nobre causa. Aqui se deparava com uma dicotomia de sentimentos causados tanto pelo receio de contágio e morte por este vírus, como pela capacidade de superação ao mesmo.

Ninguém ficou indiferente e de uma forma direta ou indiretamente, muitos foram aqueles que entraram e se entregaram a este projeto. Estes laços ficaram indelevelmente marcados em nossas vidas e em nossos corações, uma vez que é através da “união se faz a força”.

No geral o projeto tornou-se fulcral para a proteção e combate à pandemia. Permitiu que de certa forma fosse colmatado o sentimento de incapacidade, uma vez que todos puderam ajudar com o que tinham e com o que sabiam fazer. Juntou diferentes famílias que deram sentido aos dias passados em casa, sem dúvida que este projeto teve um grande impacto nos habitantes do Concelho. A união fez-se sentir mais do que nunca no Concelho. Deixámos de nos olharmos como habitantes de diferentes freguesias e começámos a olharmo-nos como pessoas unidas que somos. E mais uma vez, fomos agentes de educação e de informação, uma vez que nos deparámos por diversas vezes com pessoas assustadas, desprovidas das mais diversificadas formas de proteção individual e coletiva, bem como mergulhadas na ignorância de saber agir perante uma nova realidade recheada de incertezas, expectativas e medos. Todavia, o que mais nos alegrou foi a capacidade com que as pessoas acolherem este movimento, as nossas recomendações e sugestões.

Mais do que se confeccionar máscaras em tecido, conseguimos levar a cada pessoa beneficiária desta ação, um pouco do nosso tempo, de afeto, de união, de conforto e de informação de como se utilizarem as máscaras e as conservarem.

Esta pequena ação de Dádiva promoveu a intemporalidade dos nossos gestos e promoveu a amizade entre todos envolvidos.

*“(...) Este movimento, teve um grande sentimento pessoal para mim, aprendi que tudo é possível fazer, quando todos juntos nos unimos por uma causa. Mostrou-me também o lado solidário das pessoas em ajudar o próximo. A comunidade Marcuense através do nosso movimento foi vista como um exemplo por vários concelhos vizinhos, que seguiram os nossos passos, para ajudar a proteger as suas gentes.” (E1/Q2).*

E mais uma vez se denotou o espírito solidário das pessoas, bem como do seu desespero e receios.

*“Reuni algum tecido que tinha em casa, outros foram doados por vizinhos, que passavam na rua e viam-me na máquina de costura a confeccionar máscaras, chegaram a trocar tecido por máscaras, sim viveu-se muitos momentos de aflição, era difícil dizer que não, aos que pediam uma máscara.” (E3/Q2);*

Neste projeto um dos motivos que me levou a pedir ajuda, foram os idosos, que abrangiam a faixa etária mais vulnerável e indefesa.

*“...segundo as recomendações dadas pela DGS tive a necessidade de pedir ajuda para proteger os mais indefesos, os nossos queridos idosos.” (E10/Q2);* por outro lado as crianças. Contudo aqui encontramos algumas adversidades uma vez que as máscaras teriam de ser apelativas e ter padrões adequados às mesmas. *“...dei lençóis de desenhos animados por estrear para que os meus filhos usassem máscaras.” (E3/Q3).*

Também se verificou através deste movimento, do sentimento de “dever cumprido”, como isso fosse suficientemente gratificante para apaziguar a alma de quem se entregou em pleno a esta causa.

*“(...) a alegria de ver as máscaras ser distribuídas por quem mais precisava, era reconfortante, e aliviava a angústia e o medo que gerou à nossa volta.” (E4/Q3) (...)*

*“Ao mesmo tempo, fez-me refletir sobre o que era verdadeiramente importante para a minha vida e as pequenas coisas que já valorizava passaram a ter uma conotação mais relevante e as que desvalorizavam a serem postas de parte. De facto, esta pandemia trouxe um novo sentido para a minha existência, a onde o conceito de "Família" ganhou uma grande dimensão e se já a valorizava e era fulcral para mim, a partir de então ainda mais.” (E8/Q3).*

Naturalmente, que quando se age de forma desinteressada e generosa a sociedade reconhece o mérito dos intervenientes nesta causa e estimula outros a seguirem os seus paços.

*“criamos um laço muito importante com todas as costureiras, foi muito gratificante ajudar, e verificar a alegria das pessoas que recebiam, hoje faria tudo novamente.” (E13/Q5).*

*“um tempo de grandes incertezas, mas ao mesmo tempo de grandes emoções, foi muito bonito a relação que estabelecemos uns com os outros, sentimo-nos uteis para as outras pessoas, que tal como nós vivíamos juntos momentos de medo e de aflição.” (E14/Q5).*

*“o gesto foi muito importante e gratificante em nome da minha família agradeço a oferta e a solidariedade para connosco.” (E17/Q5).*

*“Este movimento, teve um grande sentimento pessoal para mim, aprendi que tudo é possível fazer, quando todos juntos nos unimos por uma causa. Mostrou-me também o lado solidário das pessoas em ajudar o próximo. A comunidade através do nosso movimento foi vista como um exemplo por vários concelhos vizinhos, que seguiram os nossos passos, para ajudar a proteger as suas gentes.” (E1/Q5)*

*“Foi então que no dia 6 de abril decidi publicar as primeiras máscaras nas redes sociais, apelando ajuda. Desde esse momento a ajuda chegou de vários pontos do*

*concelho do marco de canaveses. Foram imensas as pessoas que contribuíram, com tecidos, elásticos, e com mão de obra.” (E3/Q5)*

*“O facto de confeccionarem máscaras para crianças foi muito bom. Numa fase em que as máscaras eram escassas, a informação também e quando as que existiam, as descartáveis, atingiam valores elevados nas farmácias e nas grandes superfícies. Tenho consciência da importância deste projeto de carácter social e que beneficiou, como a mim, muitas outras famílias na mesma situação de confinamento social.” (E8/Q5).*

Outro dos aspetos salientados pelos participantes diz respeito á produção de máscaras de tecido para criança, podemos constatar a sua importância, devido á sua escassez.

*“agradeço imenso toda a generosidade, sempre que pedi recebi no tempo que mais precisava.” (E2/Q5).*

*“A sensação foi única e de muita alegria, e sobretudo o sentimento de gratidão por todo o trabalho desenvolvido por essas mulheres.” (E9/Q5)*

*“Fiquei deveras agradecido a essa iniciativa. Ela deu-me forças de partilhar com outras pessoas, quiçá, mais desamparadas. Curiosamente, ofereci, há bem poucos dias, alguma máscara nova. E aqui compreendemos como pequenos gestos, feitos com coração grande, ganham dimensões grandes e produzem efeitos multiplicadores de generosidade. Renovo os meus agradecimentos. Imagino quanto bem esse projeto fez e faz a pessoas muito mais carenciadas, que vivem isoladas ou abandonadas.” (E12/Q5).*

*“foi um trabalho lindo e de equipa, consegui máscaras para toda a minha família e para os meus vizinhos, nem pensei muito no risco que corria diariamente de contágio.” (E3/Q5).*

*“gostei muito de participar, senti que fui útil, fomos referencia para outros concelhos do país. A partir do nosso projeto outros seguiram o mesmo.” (E4/Q5).*

Verificou-se que o trabalho em equipa foi muito importante para todas pessoas envolvidas no projeto. Permitiu colmatar a angústia, receio e o medo que assolou a vida de todos, a envolvência diária deu-lhes alento e força para continuar diariamente o a produção de máscaras artesanais.

*“foi um mês de muito trabalho, vinha todos os dias de outro concelho para ajudar a minha irmã na confecção de máscaras, foi muito gratificante, a emoção era imensa. Os rostos das pessoas felizes por receber as nossas máscaras alegravam o nosso coração.” (E6/Q5).*

*“criamos um laço muito importante com todas as costureiras, foi muito gratificante ajudar, e verificar a alegria das pessoas que recebiam, hoje faria tudo novamente.” (E13/Q5).*

*“um tempo de grandes incertezas, mas ao mesmo tempo de grandes emoções, foi muito bonito a relação que estabelecemos uns com os outros, sentimo-nos uteis para as outras pessoas, que tal como nós vivíamos juntos momentos de medo e de aflição.” (E14/Q5).*

*“o gesto foi muito importante e gratificante em nome da minha família agradeço a oferta e a solidariedade para connosco.” (E17/Q5).*

*“A comunidade através do nosso movimento foi vista como um exemplo por vários concelhos vizinhos, que seguiram os nossos passos, para ajudar a proteger as suas gentes.” (E1/Q2).*

Apurou-se assim que este flagelo de seu nome, covid-19 aumentou exponencialmente a interajuda entre pessoas, vizinhos, sociedade e civilizações em consequência da diminuição de qualidade de vida, confinamento, isolamento social e pela alta taxa de mortalidade e de contágio em detrimento a este vírus. Como se pode constatar ao longo desta dissertação, o conceito de Dádiva e tudo que lhe é inerente tomou uma magnitude e um sentido como jamais havia tido. Valores tão simples, como o sentido da vida, qualidade de vida, bem-estar tanto económico como social, de cada um, adquiriu

uma magnitude como outrora haverá acontecido. Uma vez que esta pandemia assolou a todos, de forma particular e individual, assistiu-se nomeadamente a uma fragilidade emocional das pessoas, bem como a uma destabilização das estruturas familiares, como nunca se haverá assistido. Que por sua vez originou a valorização de gestos simples de voluntariado, de ajuda, de partilha de conhecimentos e de afeto.

Por isso é que este projeto foi tão bem aceite pela população e reconhecido por todos a nível local por causa da sua abrangência, por ir de encontro com a necessidade de cada um e também por elucidar as pessoas sobre o seu manuseamento e limpeza. Mais do que ajudar em tempo de crise, este projeto, levou informação sobre a correta forma de manuseamento e afeto a que as recebia. Deste modo dadiava-se o voluntariado na sua forma mais simples. Neste sentido, insistimos em reafirmar o poder da dádiva na intervenção socioeducativa, ao ponto de podermos falar na necessidade de uma pedagogia da dádiva, de modo a alargar este modelo de intervenção.

## Conclusão

O estudo empírico permitiu concluirmos que, em especial em tempo de crise, como esta que atravessamos, de pandemia, as pessoas tornam-se mais solidárias e capazes de ajudarem as outras de forma desinteressada. Bem como, capazes de superar as suas dificuldades, medos, receios e angústias. Foi notória a preocupação manifestada pelo bem-estar e segurança dos mais fragilizados com a pandemia, como os idosos e as crianças.

Cada vez mais as pessoas vão ao encontro de projetos de cariz solidário, como no projeto de confeção de máscaras em tecido e se mobilizam de forma a ajudarem os mais carenciados. Com efeito, esta motivação foi suficiente para mobilizar um grupo de pessoas capazes de recolher matéria-prima (tecidos, linhas, elásticos e todo o tipo de produtos de costura), confeccionar, divulgar o projeto nas redes sociais e distribuir pelas pessoas que necessitavam de máscaras. Também foram partilhadas com os beneficiários deste projeto as recomendações dadas pela DGS em relação ao uso, limpeza e manutenção das máscaras em tecido.

Para a distribuição das máscaras seguiu-se o critério de se abranger numa fase inicial os mais idosos, que frequentavam IPSS e as pessoas mais carenciadas a nível económico, de forma a libertarem as máscaras cirúrgicas para os profissionais de saúde. Numa segunda fase, abrangeram-se as crianças através da confeção de máscaras adequadas à sua faixa etária.

No âmbito da elevada procura por este tipo de máscaras, começaram a voluntariar muitas pessoas para este projeto, de forma a estas chegarem a um maior número de pessoas, como também a oferecerem todo o tipo de material para a sua confeção. Neste contexto, foi possível aferir que este projeto chegou a uma vasta população do norte do nosso país e que abrangeu todas as faixas etárias da população.

Constatou-se que todos os voluntários neste projeto se sentiram realizados no campo efetivo, que sentiram o seu trabalho reconhecido e valorizado pelos beneficiários como por toda a comunidade, em especial pelos mais carenciados. Ao finalizar esta segunda parte, e tendo em conta os dados recolhidos sobre a perceção dos atores, fazemos questão de notar a importância da dádiva como valor de intervenção socioeducativa.

## Considerações finais

No final do nosso percurso de investigação, percorrido tanto a nível teórico como prático, podemos concluir que faz sentido promover a pedagogia social como pedagogia da dádiva, inspirando e formando os pedagogos sociais nessa matriz de valores de relação com o outro.

Neste sentido, valerá a penas estimular, persuadir, animar as pessoas a saírem da “sua zona de conforto”, para uma maior consciência da cidadania solidária (Baptista, 2008; Azevedo,) de que muito nos fala a Pedagogia Social. E, para tal, não se precisa recorrer a atos extraordinários ou heroicos. Basta a simplicidade de uma vida que reconhece a existência do outro, cujo mundo se completa com o nosso. Por isso, falamos em “Pedagogia da Dádiva e a Intervenção Socioeducativa”.

Nesta mesma linha, queremos ser “uma voz” para os profissionais do social, em cujo campo de atuação devem combinar necessariamente duas coisas: por um lado, a ciência, a técnica, o profissional e, por outro, o humano, o não-indiferente, o compromisso com o ser humano na perspectiva da solidariedade universal (Francisco, 2020), ou seja, na relação como as próprias pessoas beneficiadas se tornavam também, em sentido contrário, agentes multiplicadores para nós próprios e para outros do bem recebido. Como vimos através do caso estudado, já não se tratava apenas de proteção contra uma doença, embora fosse e continue a ser o objetivo principal do uso da máscara. Mas consolidaram-se sentimentos nobres de segurança e serenidade, de partilha no voluntariado, superando a dimensão única do lucro comercial de empresas.

Como diz São Francisco de Assis (1226): «é dando que se recebe». E desta forma e segundo as palavras do Papa Bento XIV, “... quando os responsáveis do bem respeitam o desejo humano natural de autogoverno baseado na solidariedade, deixam espaço à responsabilidade e à iniciativa individual, mas sobretudo deixam espaço ao amor 8cf. Rm 13, 8; Deus caritas est, n.28), que continua sendo “a melhor via de todas” (1 Cor 12, 31). Embora não seja um caminho fácil, mas sim possível de se fazer. É imperativo que todos os povos e civilizações sigam na mesma direção, em prol de um bem-estar comum, com menos desigualdades a todos os níveis e principalmente, a onde o ser humano se relacione de igual modo, sem preconceitos ou estereótipos desatualizados e desajustados aos tempos de hoje.

As pessoas de hoje têm e devem procurar guiar-se pelas normas que assentam em princípios de altruísmo, generosidade, partilha, verdade, solidariedade, e principalmente pelo respeito pela diferença. Que hoje e sempre permaneça vinculado ao ato de agir do ser humano, a vertente solidária e intrinsecamente ajustada aos padrões sociais, bem como às suas necessidades. E tendo por base estes princípios, é que no auge da pandemia causada pelo Covid-19, que nos assolou no ano transato, é que foi criado um movimento solidário de fabrico de máscaras em tecido para crianças e adultos de modo artesanal.

Todo o processo, desde a confeção até à distribuição, foi abrangido por vários voluntários incansáveis e genuinamente generosos e resilientes aquando das vicissitudes que este acarretava. Dado o empenho e entrega de cada um a esta nobre causa, pode-se enunciar que em tempos difíceis se pode assistir a duas vertentes em simultâneo, a da Dádiva dos gestos de verdadeiro altruísmo destas pessoas, bem como a divulgação e expansão destes gestos de generosidade. Desta forma, outras pessoas foram incentivadas a seguir o nosso exemplo e as crianças e jovens aprenderam que devem ser agentes solidários e de generosidade. urgente que os governantes de todas as nações se reúnam e definam os critérios para a igualdade social e que não seja somente em tempos de crise, como na fase que atravessamos, que se tentem ajustar estas disparidades na sociedade. Por isso, cabe a cada um de nós impulsionar ações solidárias, principalmente junto aos mais vulneráveis de forma que estes deixem de sentir vergonha para pedirem ajuda, como agora aquando do acesso às máscaras em tecido de proteção individual.

Para isso há que se apostar em iniciativas que lhes permitam obter o apoio e comodidade de que precisam. Naturalmente, estas ações devem ter início no seu meio mais próximo, a onde as pessoas se conhecem melhor e estão capacitadas de laços humanos que lhes permitem ser os verdadeiros promotores de manifestações de solidariedade, promotores de ações sociais de forma a colmatar as mais vastas necessidades pessoais e a onde as pessoas se dão a conhecer melhor e estabelecem laços de confiança. Para tal, deve-se agir em conformidade com as verdadeiras necessidades de cada um e onde impere sempre atos altruístas de solidariedade social, desprovida de todo e qualquer interesse pessoal. Uma vez que todo o ser humano é extremamente valioso e que necessita de uma abordagem individual e personalizada.

É através desta interação que o ser humano vai adquirindo competências e desenvolvendo ao longo do seu caminho em sociedade, de modo a alcançar métodos para

mais tarde, as mesmas sejam utilizadas. E assim a Dádiva da Educação é fulcral para se adquirir ferramentas imprescindíveis ao nosso quotidiano de forma a guiarem a nossa conduta e a forma como nos relacionamos com as outras pessoas. Como cada indivíduo é único, a forma como nos relacionamos com cada um e os ajudamos a resolver os seus problemas também. Daí que todas as ferramentas obtidas, bem como a nossa experiência.

A essência da Dádiva reside na forma como as pessoas cooperam umas com as outras, sem interesse de toda e qualquer forma ou modo, como também através da rutura de paradigmas dos antigos sistemas educacionais e sociais, na sua maioria, desapropriados e desatualizados para a sociedade vigente. Sendo, que é através da queda de velhas formas de pensar e de se socializar que surge esta nova vertente de interação e socialização na comunidade. É na preocupação em se ajudar o próximo, em se estabelecer a segurança e bem-estar da comunidade que surge esta nova vertente e sentido da Dádiva tanto nos tempos atuais, de crise derivada ao surgimento de uma nova estirpe, altamente mortal de um coronavírus, como nos tempos vigentes.

Neste sentido importa promover uma pedagogia da dádiva, em particular na intervenção socioeducativa, apostando futuramente em outras iniciativas de cariz social, como o Movimento de Confeção de Máscaras, de forma a se abranger um maior número de pessoas passíveis de mudança e com espírito solidário. É imprescindível que se aposte cada vez mais na educação de forma a se obter seres com maior literacia, capacidade de gestão de momentos de crise, solidariedade, responsabilidade e altruísmo para as causas sociais. Ou seja, como as próprias pessoas beneficiadas se tornavam também, em sentido contrário, agentes multiplicadores para nós próprios e para outros do bem-recebido.

É através dos ensinamentos obtidos pela Pedagogia Social que os jovens de hoje se restabelecem e afirmam de forma a serem agentes de uma educação qualitativa, de igualdade de oportunidades e de integração social. Está em cada um deles a visão de um futuro de igualdade e inclusão pedagógica e literária. E que os exemplos de movimentos sociais possam servir de alento, de forma que futuramente possam ser capazes de agir mais e melhor.

Pretendemos, por isso, demonstrar no nosso estudo que este tempo, que nunca chega para ninguém, este tempo que nunca é suficiente, este tempo que “emprestamos aos outros” pode transformar-se em qualidade de vida para todos; ou seja, que tal tempo, longe de ser os pedaços isolados daquilo que sobra de nós, vai exatamente de encontro

àquilo que de mais nobre tem a alma humana: oferecer-se para que os outros tenham vida e, nesta oferta recebida, eles também acabam por ser uma oportunidade de crescimento para nós, um momento feliz de satisfação, realizando assim o ideal da harmonia na fraternidade humana, como nos tem ensinado o Papa Francisco com as suas Cartas Encíclicas “Fratelli Tutti” (2020) – Todos somos irmãos, e “Laudato si” (2015) – habitamos numa casa comum, que todos temos que cuidar.

Isto ficou mais evidente com as contingências e novas oportunidades da Covid-19. Afinal, dando-nos, honramos a nossa existência neste mundo (Baptista, 2005). Com a crise da pandemia da Covid-19, a Dádiva tornou-se mais visível, mais necessária e mais urgente, pois a pandemia gerou tantas outras crises humanas e sociais, e levou-nos a perceber que não temos a nossa segurança nas coisas, nas trocas materiais, mas na transcendência da alma que toca o céu das virtudes e desabrocha do chão da humanidade (Baptista, 2008). Bem como, segundo a mesma perspetiva e utilizando a mensagem do Papa Francisco (Carta Encíclica, “Fratelli Tutti”, 2020, p.9), que enuncia que «É verdade que uma tragédia global como a pandemia do Covid-19 despertou, por algum tempo, a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, onde o mal de um prejudica a todos. Recordamo-nos de que ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos, é este, afinal o princípio estruturante da pedagogia social.

## **Bibliografia**

- Alfaro, R.M. (1993). *Una Comunicación para otro desarrollo*. Perú, Abraxas.
- Amaro, Rogério Roque (2002). *O voluntariado nos projectos de luta contra a pobreza em Portugal*. Lisboa: Fundação Aga Khan Portugal.
- Arnes, Cardeal. (1990). *Mulher quem és? O que procuras?* São Paulo; santuário.
- Azevedo, J. (2009). *A Educação de Todos e ao Longo de Toda a Vida e a Regulação Sociocomunitária da Educação*. *Cadernos de Pedagogia Social*. (3), 9-34.
- Azevedo, J. (2011). *Liberdade e Política de Educação. Ensaio sobre um novo compromisso social pela educação*. Fundação Manuel Leão, V. N. Gaia
- Azevedo, Joaquim (2007). *Aprendizagem ao longo da vida e regulação sociocomunitária da educação*. *Cadernos de Pedagogia Social*. *Aprender na e com a vida as respostas da Pedagogia Social*. Volume 1, 7-40. Porto: Universidade Católica Portuguesa.
- Baptista, I (2005). *Dar rosto ao futuro: A educação como compromisso ético*. Porto: Profedições. 28
- Baptista, I (2007) “Políticas de alteridade e cidadania solidária – as perguntas da Pedagogia Social”. *Cadernos de Pedagogia Social*, Volume 1, 135-151. Porto: Editora Universidade Católica.
- Baptista, I (2008). “Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares”. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, ano V, n.º 2, 5-14.
- Baptista, I (2008). *Pedagogia Social: Uma ciência, um saber profissional, uma filosofia de acção* in *Cadernos de Pedagogia Social*, (2), Universidade Católica Editora, pp. 7-30.
- Baptista, I (2009). “Educabilidade e laço social – ética e política da alteridade”. In *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*. Porto: Universidade Católica.

- Baptista, I. (2000). O universal na era da globalização. In *A Educação e os Limites dos Direitos Humanos*, 139 - 148. Porto: Porto Editora.
- Baptista, I. (2011) (a). Portugal: Pedagogia Social em Portugal: Testemunho de uma realidade em construção. IN Silva, R., Souza e Neto, J. C., Moura, R., Machado, E. M. & Caro, S. M. P. (Orgs.). *Pedagogia Social – Contribuições para uma Teoria Geral da Educação Social*. Coleção Pedagogia Social, vol. 2., (pp. 134-145). UNESCO. São Paulo: Editora Expressão e Arte.
- Bell, Judith (2010). Como realizar um projeto de investigação. Cidade: Gravida.
- Bento XVI. (2008). Solidariedade e a subsidiariedade autênticas, Discurso proferido à Pontifícia Academia das Ciências Sociais a 5 de maio na Cidade do Vaticano, em <http://www.zenit.org/article-18320?l=portuguese>
- Bogdan, R., Biklen, S., (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Braun, Virginia; Clake, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*. 77-101, 2006.
- Carta Ética (2020). Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. <http://www.spce.org.pt/assets/files/CARTA-TICA2.EDICAOFINAL-2020-COMPACTADO.pdf>
- Caillé, A. - traduzido por Martins, Paulo Henrique e Campus, R. Bivar C. - org. (2006). *O Dom entre Interesse e “Desinteressamento”*. Polifonia do Dom. Recife: Ed. Universitária da UFPE
- Caillé, A. (1998). “Nem holismo nem individualismo metodológico: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.8, volume 13, Anpocs;
- Caride, J. A. *Las fronteras de la Pedagogia Social: perspectiva científica e histórica*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.

- Caride, J. et al. (2007). Educação e Desenvolvimento Comunitário Local: Perspetivas Pedagógicas e Sociais da Sustentabilidade. PROFEDIÇÕES, Lda./Jornal a Páginas da Educação.
- Carneiro, R. (2001). (a). Nota Introdutória. IN Carvalho, A.D., Figueiredo, A. D., Morin, E., Delacôte, J. J. R., Silva, F., Pinheiro, J. D., ..., Papert., Seymor, Novo Conhecimento, Nova Aprendizagem, (pp. 11-15). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Carvalho, A. D., & Baptista, I. (2004). Educação Social, Fundamentos e estratégias. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, A.D. & Baptista, I (2008). Ética e formação profissional. Problemáticas antropológicas e dilemas éticos na intervenção socioeducativa. In Sarah Banks & Kirsten Nohr (coord.). Ética Prática para as Profissões do Trabalho Social. Coleção Educação e Trabalho Social. Porto Editora.
- Chaves. 25. Azevedo, J. (2007). Aprendizagem ao longo da vida e regulação sociocomunitária da educação in Cadernos de Pedagogia Social, (1), Universidade Católica Editora, pp. 7- 40. 26.
- Código de Ética e de Conduta da Universidade Católica Portuguesa (2015). Despacho NR/R/1419/2015.
- Costa, A (coord), Baptista, Isabel, Perista, Pedro & Carrilho, Paula (2008). Um Olhar sobre a Pobreza: Vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo. Lisboa: Editora Gradiva. Volume 1, 125-134. Porto: Editora Universidade Católica
- Costa, A. (2011). Educação dos valores: A educação moral e religiosa católica entre a família e a escola. Dissertação de Mestrado - Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia. Braga, Portugal.
- Delors, J. (coord.) et. Al. (1996). Educação, um tesouro a descobrir: Relatório para UNESCO da Comissão internacional sobre a Educação para o Século XXI. ASA, Editores.

- Díaz, A. S. (2006). Uma Aproximação à Pedagogia-Educação Social. Revista Lusófona de Educação, 91.
- Francisco, S. P. (2015). Carta Encíclica “*Laudato Si – sobre o cuidado da casa comum*”. Roma. Vaticano: Tipografia Vaticana, maio, 1–192.  
[http://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si\\_po.pdf](http://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf)
- Francisco, S. P. (2020). *CARTA ENCÍCLICA FRATELLI TUTTI - Sobre a fraternidade e a amizade social*. Vaticano: Tipografia Vaticana.  
[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html)
- Faure, E. (1972). Learning to Be. Paris-Londres: UNESCO-Harrap.
- Fialho, I. (2017). Organização da escola e a promoção do sucesso escolar. In J. Machado & J. M. Alves (coord). Equidade e Justiça em Educação: desafios da escola bem-sucedida com todos. Porto. Universidade Católica Editora, 8-23.
- Gomes de Araújo, HL. (1998) *Ética, Economia e Educação. Ensaios sobre o Vinho do Porto* (prefácio Raul Iturra), Porto: Fundação Eng. António de Almeida
- Godbout, J. (1997). O Espírito da Dádiva. Lisboa: Instituto Piaget.
- Godbout, J. (1999). O Espírito da dádiva. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.
- Levinas, E. (2007). *Ética e infinito*. Edições 70.
- Martín, Inácio et al (2005), *Medidas Nacionais para a Promoção do Voluntariado em Portugal*. Braga: Inovação à Leitura.
- Mauss, M. (2008). *Ensaio sobre a dádiva*. Cidade: Edições 70.
- Mauss, M. (2001). *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70.
- Morin, E. (2002). *Os sete saberes para a educação do futuro*. Lisboa: Instituto Piaget
- Oliveira, M. M. (2012). *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Editora Vozes.

- Ortega, J. (coord.). Educación Social Especializada. Barcelona, Ariel, 1999.
- Sanvisens, A. (1984), Introducción a la Pedagogia (p.7). Barcelona. Barcanova
- Santos Lurdes, (2002). Caracterização de voluntários: perfil do voluntários jovem. Lisboa: Comissão Nacional para o Ano Internacional dos Voluntários.
- Silva, M. (2007). Educação para valores na escola plural: A educação moral e religiosa. Dissertação de Mestrado - Universidade de Aveiro, Portugal.
- Stake, R. (2009). A arte da investigação com estudos de caso (2ª ed.). Lisboa: FCG.
- Windheuser, J. (2008). Um modelo ético de tomada de decisão. In Sarah Banks & Kirsten Nohr (coord.). Ética Prática para as Profissões do Trabalho Social. Coleção Educação e Trabalho Social. Porto Editora.
- Yin, R. (2004). Estudo de caso: Planejamento e métodos (2ª ed.). S. Paulo: Bookman.
- Yin, R. (1994). Pesquisa de estudo de caso - desenho e métodos (2ª ed.). Porto Alegre: Bookman.
- YIN, R. (2005). Estudo de caso: Planejamento e Método. Porto Alegre. Bookman.

## **Webgrafia**

<https://www.MS-ID - Mulheres Socialistas do Marco de Canaveses>

<https://www.pensador.com/frase/MzMyMTk1/>

<https://mapa de marco de canaveses - Bing images>

[https://VISITAR – Município do Marco de Canaveses \(cm-marco-canaveses.pt\)](https://VISITAR – Município do Marco de Canaveses (cm-marco-canaveses.pt))

# **Anexos**

## **ANEXO I**

### **DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

## **Declaração de Consentimento Informado**

### **Apresentação do entrevistador:**

Licinia Manuela Couto Moreira, mestranda em Ciências da Educação, especialização em Pedagogia Social, na Faculdade de Educação e Psicologia, da Universidade Católica Portuguesa. Tema o Estudo: “Pedagogia da Dádiva e Intervenção Social Um Estudo de Caso»”.

### **Apresentação dos objetivos da entrevista:**

As entrevistas serão usadas com o único propósito de concretizar o estudo que se intitula “Pedagogia da Dádiva: Perceção subjetiva e objetiva da condição do Intervenção Social»” e que tem como principal objetivo ampliar a reflexão sobre a problemática da “como pequenos gestos de atenção e cuidado podem ser e são portadores e manifestações concretas de Dádiva de nós mesmos para os outros e dos outros para conosco”.

### **Imagens**

Neste sentido, os participantes foram devidamente informados, tendo dado o seu consentimento, inclusive para a utilização de imagens, ainda que estas tenham sido partilhadas publicamente no âmbito da divulgação do projeto.

A sua colaboração nesta investigação é fundamental e solicitamos, desde já, a honestidade das suas respostas, assegurando-lhe a sua CONFIDENCIALIDADE.

Declaração de consentimento Compreendi a explicação que me foi fornecida acerca do estudo “Pedagogia da Dádiva: Perceção subjetiva e objetiva da condição de «Dádiva e Intervenção Social” e aceito participar nesta investigação.

O Entrevistado

---

(Nome legível)

## **ANEXO II**

### **IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO E SEU AGREGADO FAMILIAR**

Entrevista nº \_\_\_\_\_

Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO E SEU AGREGADO FAMILIAR**

a) **Género: Masculino** \_\_\_\_\_

b) **Feminino** \_\_\_\_\_

c) **Idade:** \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

d) **Nº de elementos que compõem o Agregado Familiar:** \_\_\_\_\_

e) **Nº de Filhos:** \_\_\_\_\_ **Idades dos Filhos:** \_\_\_\_\_

f) **Outros:** \_\_\_\_\_

**g) Habilitações Literárias de cada elemento do Agregado Familiar:**

h) Entrevistado: \_\_\_\_\_

Filhos: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

i) **Outros:** \_\_\_\_\_

**j) Situação Profissional**

k) Entrevistado: \_\_\_\_\_ **Cônjuge/Companheiro(a):** \_\_\_\_\_

Filhos \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Outros: \_\_\_\_\_

## **ANEXO III**

### **IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO**

## Identificação do Projeto

Apresentação do entrevistador: Licínia Manuela Couto Moreira, mestranda em Ciências da Educação, especialização em Pedagogia Social, na Faculdade de Educação e Psicologia, da Universidade Católica Portuguesa. O tema de estudo: “Pedagogia da Dádiva e Intervenção Social – Um Estudo de Caso”. Apresentação dos objetivos da entrevista: As entrevistas serão usadas com o único propósito de concretizar o estudo que se intitula “Máscaras para todos”.

“Máscaras para todos”, que teve como principal objetivo salvaguardar e proteger toda a população envolvente, tendo concretamente em referência a situação pandémica de covid-19. A sua colaboração nesta investigação é fundamental e solicitamos, desde já, a honestidade das suas respostas, assegurando-lhe a sua CONFIDENCIALIDADE.

### Declaração de Consentimento

Eu, abaixo-assinado, compreendi a explicação que em foi dada sobre este projeto, tendo oportunidade para colocar questões e esclarecer dúvidas sobre o mesmo. Tomei conhecimento de que os dados fornecidos serão totalmente anónimos e confidenciais. Além, disso, fui informado de que posso a qualquer momento recusar a minha participação no projeto, sem sofrer com isso qualquer penalização. Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, autorizando a divulgação científica dos resultados obtidos, desde que garantido o anonimato.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Obrigada pela Colaboração

A Investigadora responsável: \_\_\_\_\_

(Licinia Manuela Couto Moreira)

## **ANEXO IV**

### **GUIÃO DE ENTREVISTA AOS BENEFICIÁRIOS**

## Guião de Entrevista aos Beneficiários

1. Na qualidade de habitante deste concelho, como analisa o impacto gerado por este gesto em Marco de Canaveses?
2. Na sua opinião a Dádiva oferecida foi importante?
3. Que valores manifesta uma relação pedagógica, baseada num espírito de Dádiva?
4. Que características adquire uma relação pedagógica motivada pela Dádiva?
5. Sente que, a partir dessa Dádiva, poderá criar-se um laço afetivo?
6. Como avalia a importância do gesto face à gravidade da atual situação?

Data: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2020

Obrigada pela sua colaboração

*Tabela 1- Quadro Teórico*

Categoria Teórica	Dimensões	Indicadores	Entrevistas	
			Objetivos	Questões
Pedagogia da Dádiva / Intervenção Social	A - Características da Pedagogia da Dádiva / Intervenção Social	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Unilateralidade / gratuidade</li> <li>- Empatia a partir da Dádiva</li> <li>- Criação de laços sociais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar o ciclo dar /receber na relação interpessoal</li> <li>• Identificar a manifestação de atitudes demonstrativas da Dádiva no concelho de Marco de Canaveses</li> </ul>	<p>Na qualidade de habitante deste concelho, como analisa o impacto gerado por este gesto em Marco de Canaveses:</p> <p>Na sua opinião a Dádiva oferecida foi importante?</p>

Categoria Teórica	Dimensões	Indicadores	Entrevistas	
			Objetivos	Questões
Pedagogia da Dádiva / Intervenção Social	B - Relação Pedagógica entre a Dádiva / Intervenção Social	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cooperação, capacidade de entrega em função das necessidades</li> <li>- Sentir como gestos simples demonstrados na gratidão por eles evidenciada</li> <li>- Mudança de postura das pessoas pelo gesto da Dádiva</li> <li>- A revelação da importância da Dádiva no processo de aprendizagem da relação pessoal, como meio sensibilizador e educativo dos intervenientes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar a noção da capacidade de resposta</li> <li>• Compreender as manifestações de aceitação</li> <li>• Avaliar o grau de recetibilidade</li> <li>• Avaliar aceitação do gesto educativo</li> <li>• Conhecer as atitudes demonstrativas do espírito da Dádiva</li> </ul>	<p>Que valores manifesta uma relação pedagógica, baseada num espírito de Dádiva?</p> <p>Que características adquire uma relação pedagógica motivada pela Dádiva?</p>

Categoria Teórica	Dimensões	Indicadores	Entrevistas	
			Objetivos	Questões
Pedagogia da Dádiva / Intervenção Social	Acolhimento da Dádiva	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A pessoa como ator da sociedade</li> <li>- Demonstração de aceitação como momento marcante da vida</li> <li>- Compreensão da importância desta nova necessidade face a este inesperado modo de vida</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliar a noção da importância como exemplo para com os outros</li> <li>• Compreender o gesto como um ato de responsabilidade</li> </ul>	Sente que, a partir dessa Dádiva, poderá criar-se um laço afetivo?

Categoria Teórica	Dimensões	Indicadores	Entrevistas	
			Objetivos	Questões
Pedagogia da Dádiva / Intervenção Social	E - Reconhecimento do Gestor Social	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Aceitação de um gesto inesperado</li> <li>– Manifestação de agrado e satisfação</li> <li>– Agradecimento da partilha</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliar a compreensão da importância do gesto</li> <li>• Identificar a tomada de consciência da pertinência face à gravidade da situação</li> </ul>	Como avalia a importância do gesto face à gravidade da atual situação?

(Fonte: Moreira, L. 2021)